



Juan de GARTEN



OS TEMPLÁRIOS

(Soberana Ordem dos Cavaleiros
do Templo de Jerusalém)



TRACO
EDITORA

A situação sócio-política que se verificou no Oriente com o incremento do poderio muçulmano obrigou os príncipes europeus a defender os lugares sagrados da Terra Santa da contínua ameaça muçulmana. Para tal nascem as santas cruzadas e, em seguida, as ordens de cavalaria.

A Ordem do Templo ou dos Templários, a mais poderosa e famosa de todas elas, foi fundada no ano de 1118 por Hugo de Payens e, um ano depois, estabelece-se em Jerusalém, com a finalidade de defender os lugares santos. Originalmente se chamavam a si próprios de soldados pobres seguidores de Cristo e do Templo de Salomão. Formavam um pequeno grupo de cavaleiros que haviam concebido a idéia de defender e proteger os peregrinos que iam a Terra Santa.



JUAN DE GARTEN

OS TEMPLARIOS



Copyright © 1987
Traço Editora

Editor Responsável:
Carlos da Costa

Revisão:
Áurea Lúcia Pereira

Layout da Capa:
Luís Dias

Composição:
Paulistana Fotocomposição

Direitos Reservados:
Traço Editora e Distribuidora Ltda
Rua São Joaquim, 437 - Liberdade — SP
CEP 01508-Tel. 270-3847

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Índice

INTRODUÇÃO	7
Cap. 1: AS ORIGENS	8
Cap. 2: A EXPANSÃO.....	12
Cap. 3: DERROCADA E MALDIÇÃO.....	15
Cap. 4: OS CAVALEIROS DO SENHOR.....	22
Cap. 5: AS ARMAS DO SENHOR.....	37
Cap. 6: O ÚLTIMO ATO	59
Cap. 7: OS MISTÉRIOS DO TEMPLO.....	74
BIBLIOGRAFIA	91

Índice de Figuras

Figura 1: Via dolorosa, hoje Jerusalém	11
Figura 2: Vista Geral de Jerusalém tendo em primeiro plano a mesquita de “EL AKSA” com sua cúpula entretecida por fios de ouro.	15
Figura 3: Mapa publicado em 1789	19
Figura 4: Castelo de Mon Forte de propriedade dos templários.....	21
Figura 5: Embrião do império dos cavaleiros templários.....	25
Figura 6: Aqui perto das muralhas marítimas de Acra os templários foram derrotados pelos muçulmanos.	33
Figura 7: Ruínas do maior castelo dos templários, o castelo de Gréoux no sudeste da França.	39
Figura 8: Pintura do Papa Clemente V, corrupto e destruidor da ordem dos templários, morreu logo após a execução de Jacques de Molay	45
Figura 9: Pintura representando queima de Jacques de Molay, e o seu irmão, o cavaleiro Godofredo de Chaeney	54
Figura 10: Tegoa, lugar onde ocorreu a primeira batalha dos templários	65
Figura 11: Felipe, o Belo, assim como o Papa Clemente V, morreram segundo a lenda pela maldição do último grão mestre templário	83
Figura 12: Cabeça esculpida em pedra provavelmente de Jacques de Molay	90

OS MESTRES DA ORDEM DOS TEMPLARIOS

Governaram

Hugo de Payens	1118/9-1136/7
Roberto de Craon (O Borgonhês)	1136/7-13 de Janeiro de 1149
Everardo de Barres	1149-1152(?)
Bernardo de Trémélai	1152 (?) -16 de Agosto de 1153
André de Montbard	1153-17 de Janeiro de 1156
Beltrão de Blanquefort	1156-2 de Janeiro de 1169
Filipe de Milly de Naplusa	1169-1171
Odo de Saint-Amand	1171-8 de Outubro de 1179
Arnoldo de Torroges	1180-30 de Setembro de 1184
Gerardo de Ridefort	1185-4 de Outubro de 1189
Roberto de Sablé	1191-28 de Setembro de 1193
Gilberto Erail	1194-21 de Dezembro de 1200
Filipe de Plessiez	1201-12 de Fevereiro de 1209
Guilherme de Chartres	1210-25 de agosto de 1219
Pedro de Montaigu	1219-28 de Janeiro de 1232
Armando de Peragors	1232 (?) -17 de Outubro de 1244
Ricardo de Bures	1244/5-9 de Maio de 1247
Guilherme de Sonnac	1247-11 de Fevereiro de 1250
Reinaldo de Vichiers	1250-20 de Janeiro de 1256
Tomás Berard	1256-25 de Março de 1273
Guilherme de Beaujeu	Maio de 1273-18 de Maio de 1291
Tibaldo Gaudin	1291-16 de Abril de 1293

INTRODUÇÃO

Era o ano de 1271 quando a mais famosa das construções bélicas da Idade Média, a Fortaleza dos Cavaleiros, rendeu-se às tropas do sultão do Egito, **Baybars** — a Pantera — ao final de um longo período em defesa dos interesses cristãos — e ocidentais — na Terra Santa. Aquela fortaleza havia resistido até então invencível aos ataques e assédios impostos pelos exércitos de **Saladino**, mas acabou caindo, não pela força, mas pela argúcia e inteligência do novo adversário.

Baybars, vendo suas forças debilitarem-se e ante a impossibilidade de fazer derrubar aquele baluarte do invasor cristão, lançou mão de um hábil estratégia para derrotar seus aguerridos inimigos. Enviou uma mensagem a fortaleza de um pombo-correio capturado ao inimigo. A mensagem, aparentemente remetida pelo grão-mestre da *Ordem dos Hospitalários de Tripoli*, aconselhava os sitiados a renderem-se ante a impossibilidade de se enviar reforços em seu auxílio.

Estes, desmoralizados pela notícia, entregam o forte aos muçulmanos. O sultão, em respeito a bravura dos soldados cristãos, concedeu-lhes salvo-conduto para que pudessem alcançar a cidade de Tripoli. Os poucos sobreviventes que,

derrotados, deixavam as terras da Síria, pertenciam a famosa *Ordem de Cavalaria dos Templários*. E aquela derrota foi, com certeza, o princípio do fim de seu poderio militar. Este fato e a perda de *São João de Acre*, ocorrida 20 anos depois, em 1291, anulavam a missão principal para que havia sido criada a *Ordem do Templo*.

Cap. 1: AS ORIGENS

A situação sócio-política que se verificou no Oriente com o incremento do poderio muçulmano obrigou os príncipes europeus a defender os lugares sagrados da Terra Santa da contínua ameaça muçulmana. Para tal nascem as santas cruzadas e, em seguida, as ordens de cavalaria.

A *Ordem do Templo* ou dos *Templários*, a mais poderosa e famosa de todas elas, foi fundada no ano de 1118 por Hugo de Payens e, um ano depois, estabelece-se em Jerusalém, com a finalidade de defender os lugares santos.

Originalmente se chamavam a si próprios de soldados pobres seguidores de *Cristo e do Templo de Salomão*. Formavam um pequeno grupo de cavaleiros que haviam concebido a idéia de defender e proteger os peregrinos que iam a Terra Santa. O êxito da primeira cruzada em 1099 havia novamente aberto Jerusalém e outros lugares sagrados aos viajantes europeus, porém a rota estava cercada de perigos. Os muçulmanos emboscavam os infiéis em pontos estratégicos, dizimando-os sistematicamente. Foi assim que Hugo de Payens, veterano da primeira cruzada, decidiu formar o grupo dedicado a proteção dos peregrinos. E em seguida aos êxitos

obtidos, quando conseguiram por diversas vezes surpreender os muçulmanos antes que eles próprios emboscassem as caravanas cristãs, Hugo de Payens e seu pequeno grupo de cavaleiros organizaram-se como uma ordem religiosa. Ante o *Patriarca de Jerusalém*, juraram guardar as estradas e caminhos que conduziam aos lugares santos, protegê-los e abandonar a vida mundana para adotar uma existência de castidade, obediência e pobreza, assim como lutar com a mente pura para o verdadeiro e supremo Rei.

Reconhecendo a possível utilidade desse aguerrido grupo de soldados cristãos, *Balduino II*, rei de Jerusalém, concedeu-lhes parte do palácio real que se erigia próximo ao *Templo de Salomão*. Esse foi um dos primeiros donativos, do qual se seguiram muitos, que foi ofertado aos *Templários* durante os 200 anos de auge da ordem. Dessa maneira, os *Templários* acabaram se convertendo numa das forças mais poderosas da Europa e foi o seu imensurável poder que, mais tarde, a levaria a destruição.

Ao princípio, os *Templários* gozaram de grande estima por sua piedade, bravura e desprezo pelos bens materiais. Tinham honra em não trocar nunca seus mantos até que eles se deteriorassem completamente pelo uso ou fossem atravessados pelas armas dos inimigos. Em contraste com os ricos cavaleiros da época, os *Templários* raramente se asseavam; suas barbas eram espessas e cerradas, assim como seus cabelos, compridos e sujos. *São Bernardo de Claraval*, fundador da *Ordem Cisterciense*, foi o patrono dos *Templários*. Ele não só aprovava a sua conduta e maneira de viver, como recomendou-lhes a prática de ir buscar os cavaleiros excomungados para converte-los a vida devota e disciplinada de sua ordem. Enviou a Hugo de Payens, o grão-mestre dos *Templários*, uma carta rogando

a cooperação da ordem para reabilitar "*os homens ímpios e empedernidos, ladrões e sacrílegos, assassinos, perjuros e adúlteros*", porém que estivessem dispostos a se alistar nas fileiras da cruzada pela liberação da Terra Santa. Alentado assim por um dos mais influentes de seu tempo, Hugo de Payens partiu em direção ao *Concílio de Troyes*, na França, para assegurar o reconhecimento de sua ordem na Europa. Ali, sob o patrocínio e proteção de Bernardo, apresentou a regra de sua irmandade, chamada *Regra do Templo*, que seguia até certo ponto a *Regra da Ordem Cistercense*. Ela abarcava todos aspectos da *Organização dos Templários*, modo de vida, deveres, privilégios e rituais. As cópias da *Regra* existentes hoje em dia são, na verdade, fragmentárias, uma vez que somente os altos oficiais é que conheciam o seu texto completo. E então, para que um grupo de aventureiros se convertesse numa força unificada, consagrada quase que fanaticamente a um objetivo, os seus fundadores acreditaram ser necessário a instituição de um certo cerimonial secreto, único e exclusivo para a sua ordem. Assim, as investiduras — ou iniciações — ocorriam sempre à noite, em uma sala capitular mantida sob custódia armada. Esse segredo, assim como a crença mantida entre os que eram estranhos a ordem, durante os últimos anos da mesma, no sentido de que ele, o segredo, poderia encobrir práticas lascivas e blasfemas, foi também uma das causas de sua destruição.



Figura 1: Via dolorosa, hoje Jerusalém

Cap. 2: A EXPANSÃO

No ano de 1128, a *Ordem* não recebeu outras coisas senão donativos e aclamações. Sancionada pelo *Concilio de Troyes* e isentos agora seus membros da ameaça de excomunhão, ela ganhou renome e poder cada vez maiores. Em qualquer parte da Europa em que se encontrasse Hugo de Payens, nobres e reis competiam por contribuir com atenções e presentes a ordem, através da oferta de grandes extensões de terra, granjas, castelos e até mesmo aldeias e povoações inteiras, que agora vinham a se constituir em sua propriedade, além de armas e cavalos.

Poucos anos mais tarde, a *Igreja* concedeu aos *Templários* o direito de possuírem seus próprios templos e sacerdotes. Eles foram igualmente isentos do pagamento de dízimos, assim como de impostos seculares, estando somente sujeitos a autoridade papal. E apesar de tudo, a sua independência e riqueza começou a ser mal vista por bispos e sacerdotes ressentidos com o poder dos *Templários*, o que deu origem a inúmeras disputas. Porém o *Papado*, dedicado como estava a fortalecer a presença cristã na *Terra Santa*, sustentou com energia a *Ordem*, emitindo decretos seguidos para protegê-la. E de fato, todo aquele que perseguisse os *Templários* estava sujeito a excomunhão.

Mesmo na derrota sofrida na segunda cruzada, de 1146 a 1150, a ordem respondeu a confiança que lhe fora depositada, batendo-se bravamente e evitando a catástrofe final que a campanha mal conduzida poderia haver acarretado as hostes cristãs. Nos anos seguintes, os *Templários* combateram em muitas batalhas, algumas, inclusive, provocadas por eles mesmos.

Mas nem todos os grão-mestres templários que se seguiram a Hugo de Payens foram tão altruístas e piedosos como ele. A política tumultuada que imperava na *Terra Santa*, onde grupos rivais ao interior dos acampamentos cristãos manobravam as tropas sob seu controle, ofereceu grandes oportunidades aos Templários para que adquirissem poder e reputação e influíssem assim no curso dos acontecimentos. Eles marchavam sob bandeiras e estandartes que proclamavam em latim. ***Não a nós, Senhor, senão a Ti seja dada toda a glória.*** E sem dúvida, ao constituir-se como uma comunidade quase autônoma ao interior do cristianismo e, ainda, como ricos terratenentes, os *Templários* chegaram a gozar de grande fama e glória entre os seus pares cristãos.

Grande parte de seu poder emanava de sua posição como "*banqueiros*" na Europa e no Oriente Médio. Com seus castelos bem guarnecidos e estrategicamente situados, encontravam-se os *Templários* em ótima posição para manejar e transladar dinheiro, com um estatuto religioso que oferecia integridade e garantia. Nas tréguas faziam inclusive negócios com os próprios inimigos muçulmanos, pois esses acreditavam ser prudente ter algum dinheiro invertido com os cristãos para o caso de que os avatares da guerra pudessem terminar em alguma espécie de pacto ou aliança com os europeus. Os reis da Inglaterra, França e outros países da Europa depositavam seus tesouros e riquezas nas arcas dos *Templários* e, no que não era incomum ocorrer, pediam até mesmo empréstimos a ordem. Um

dos devedores reais dos *Templários* foi Felipe IV da França, chamado de *Felipe, o Belo*, mais por seu aspecto agradável do que do senso de justiça propriamente. E foi ele, ironicamente, o homem que ocasionou a destruição da ordem em cooperação com o *Papa Clemente V*. Nessa época, no começo do século XIV, os *Templários* haviam perdido suas possessões na Terra Santa e os quartéis-generais da ordem foram transferidos para a ilha de Chipre. Mas mantinham ainda um grande poder na Europa. Felipe IV, imerso numa grave crise financeira provocada por ele próprio, resolveu debilitar o poderio da ordem para apropriar-se de suas riquezas. Delineou então um plano para unir os *Templários* com os *Cavaleiros Hospitalários*, formando assim uma única ordem, a dos *Cavaleiros de Jerusalém*, cujo grão-mestre seria sempre eleito entre os membros da casa real da França. Porém, tanto os *Templários* quanto os *Cavaleiros Hospitalários* se opuseram tenazmente a esse plano. Mas Felipe logrou seus intentos através da ajuda de um ex-templário chamado *Esquiú de Florian*, que lhe contou terríveis histórias de blasfêmias, perversão sexual e adoração do diabo dentro da ordem.

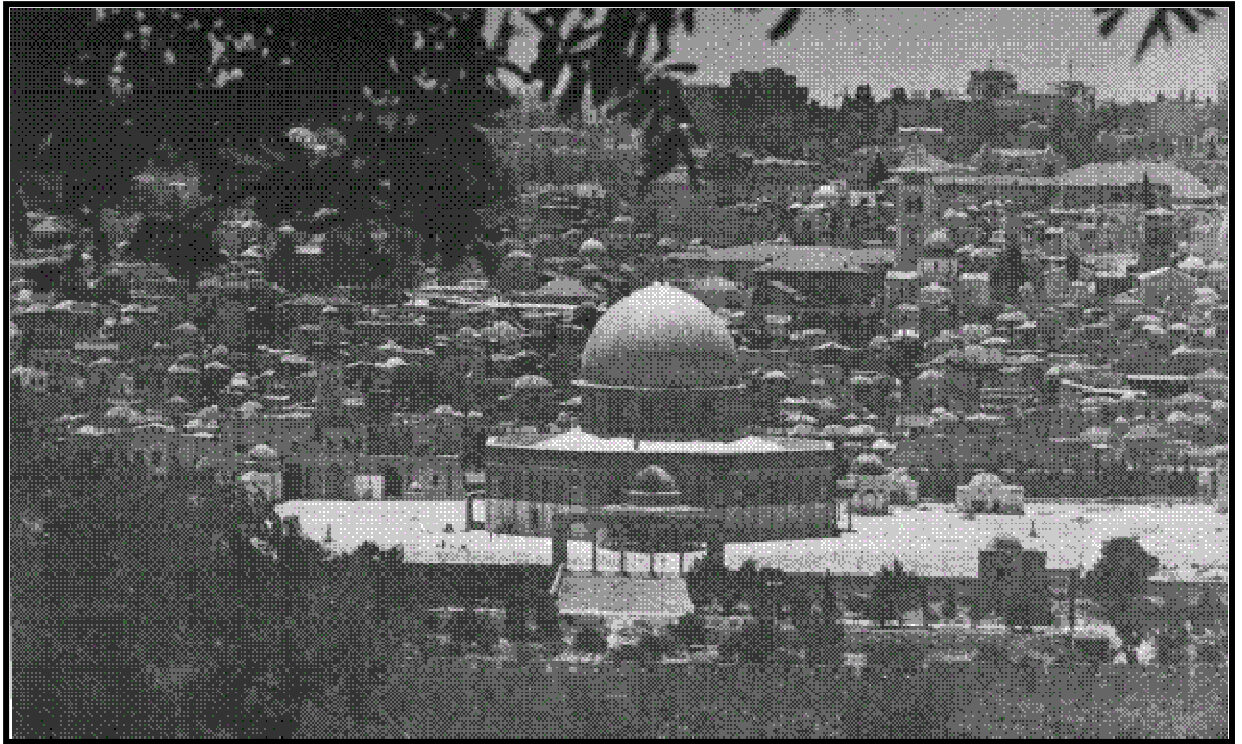


Figura 2: Vista Geral de Jerusalém tendo em primeiro plano a mesquita de “EL AKSA” com sua cúpula entretecida por fios de ouro.

Foto by MARIO CHIMANOVITCH

Cap. 3: DERROCADA E MALDIÇÃO

As acusações proferidas contra os *Templários* eram exatamente as que o *rei Felipe* queria escutar. Ele enviou vários espiões para assegurar-se da veracidade das acusações e ao mesmo tempo tratava de garantir o apoio do *Papa Clemente V*, que devia a *Felipe* a sua tripla coroa, graças a assistência que o rei francês lhe havia prestado. O *Papa* ainda assim estava indeciso, "*pois são tantas e tão graves as acusações contra os Templários, que parece impossível dar-lhes crédito*", escreveu *Clemente* ao rei. Mas acrescentava: *Mesmo assim, desde que os vossos comunicados sobre esse assunto vão ganhando peso e credibilidade...* . Em todo o

texto o Papa não proibia a abertura de um processo contra os *Templários* e assim Felipe não perdeu tempo. Na noite de 12 de outubro de 1307, seus oficiais prenderam em toda Europa cerca de 15.000 pessoas, incluindo-se não só os *Templários* mas também os artesãos e demais trabalhadores de suas possessões e propriedades. O grão-mestre *Jacques de Molay* foi preso em Paris.

Todos foram interrogados pela *Inquisição* e torturados por funcionários do rei num esforço para obter tantas confissões quanto possível. É claro que tais métodos brutais obtiveram êxito. De 138 *Templários* interrogados em Paris no primeiro mês, 123 "*confessaram*" haver cuspidido sobre um crucifixo durante o seu período de iniciação. Muitos outros responderam afirmativamente a diferentes acusações, ainda que sobre a adoração ao diabo as respostas fossem menos coincidentes. Admitiram que em algumas cerimônias secretas adoravam a um certo tipo de ídolo, porém se esse "*ídolo*" consistia numa caveira humana rodeada de jóias, ou nos restos mortais de algum grão-mestre, ou numa cabeça com três faces ou ainda numa representação de *Baphomet* (corrupção do nome Maomet ou Maomé e termo medieval para designar o "*gênio do mal*"), é algo que restou sem elucidação. Na verdade, os algozes dos *Templários* nunca conseguiram encontrar nenhuma figura idolátrica que correspondesse as descrições arrancadas dos torturados quando se investigou os domínios da ordem na França.

Depois de uma demora considerável devido também às investigações preliminares realizadas pela *Igreja* católica, o processo público contra os *Templários* teve início em abril de 1310, na cidade de Vienne, ao sul da França. Muitos *Templários* se retrataram de suas confissões prévias para defender sua ordem. E 67 deles foram então condenados a fogueira como hereges. Isso obrigou os acusados a absterem-se de sua própria defesa, ao mesmo tempo em que os processos

judiciais sofriam longas demoras. Desse modo, dois anos depois da *Igreja* haver-se feito cargo dos processos para provar a veracidade das acusações contra a ordem, o *Papa* promulgou uma bula proclamando a dissolução dos *Templários*. Admitiu, paradoxalmente, que a evidência — baseada essencialmente na *Vox populi* e em confissões arrancadas sob tortura — não era adequada e nem suficiente para condená-los. Porém, o *Santo Padre* estava convencido de sua culpabilidade e isso deveria bastar...

A maioria daqueles que haviam confessado e mantido suas declarações foi colocada em liberdade. Quatro dos mais altos postos da ordem, incluindo o grão-mestre que havia se retratado de suas primeiras confissões, voltaram a confessar. Foram condenados a prisão perpétua e a sentença dos quatro alto dignatários foi pronunciada em público, frente a catedral de *Notre Dame* em Paris. Ocorreu então um fato surpreendente: *Jacques de Molay*, o grão-mestre templário, dirigiu-se a multidão com estas palavras: *Confesso que na verdade sou culpado de maior infâmia... A infâmia de haver mentido... admitindo acusações repugnantes apresentadas contra minha ordem. Declaro, portanto, que a ordem é inocente. Sua pureza e santidade jamais foram maculadas. No Tribunal eu havia declarado de outra maneira, fi-lo porém por temor às terríveis torturas...Me ofereceram a vida, mas em câmbio da perfídia... A esse preço, a vida não merece ser vivida....*

Um companheiro do grão-mestre, *Godofredo de Charnay*, proclamou também a inocência da ordem. Seus discursos causaram grande impacto na multidão, que na verdade simpatizava com os *Templários*, e antes que as coisas pudessem tomar um rumo inesperado, as autoridades trataram de levar os quatro prisioneiros. E uma vez mais, a coroa francesa tomou as rédeas na condução da farsa contra os *Templários*. O rei *Felipe* resolveu encerrar de vez com o assunto dos

cavaleiros obstinados e na manhã de 19 de março de 1314 foram levados a fogueira ainda proclamando sua inocência. Quando as chamas já envolviam o corpo do grão-mestre Molay, ele voltou a cabeça em direção ao local onde se encontrava o rei gritando:

“Papa Clemente, cavaleiro Guillaume de Nogaret, Rei Felipe...Convoco-os ao Tribunal dos Céus antes que termine o ano, para que recebam vosso justo castigo. Malditos...Malditos...Malditos...Sereis malditos até treze gerações...”.

E quase um mês mais tarde *morria* o *Papa Clemente V*. Em novembro, desaparecia o *rei Felipe*, durante uma partida de caça, e seu *ministro Nogaret*, que havia desempenhado um grande papel de influência na desapareição da ordem, morreu poucas semanas mais tarde, em circunstâncias misteriosas.

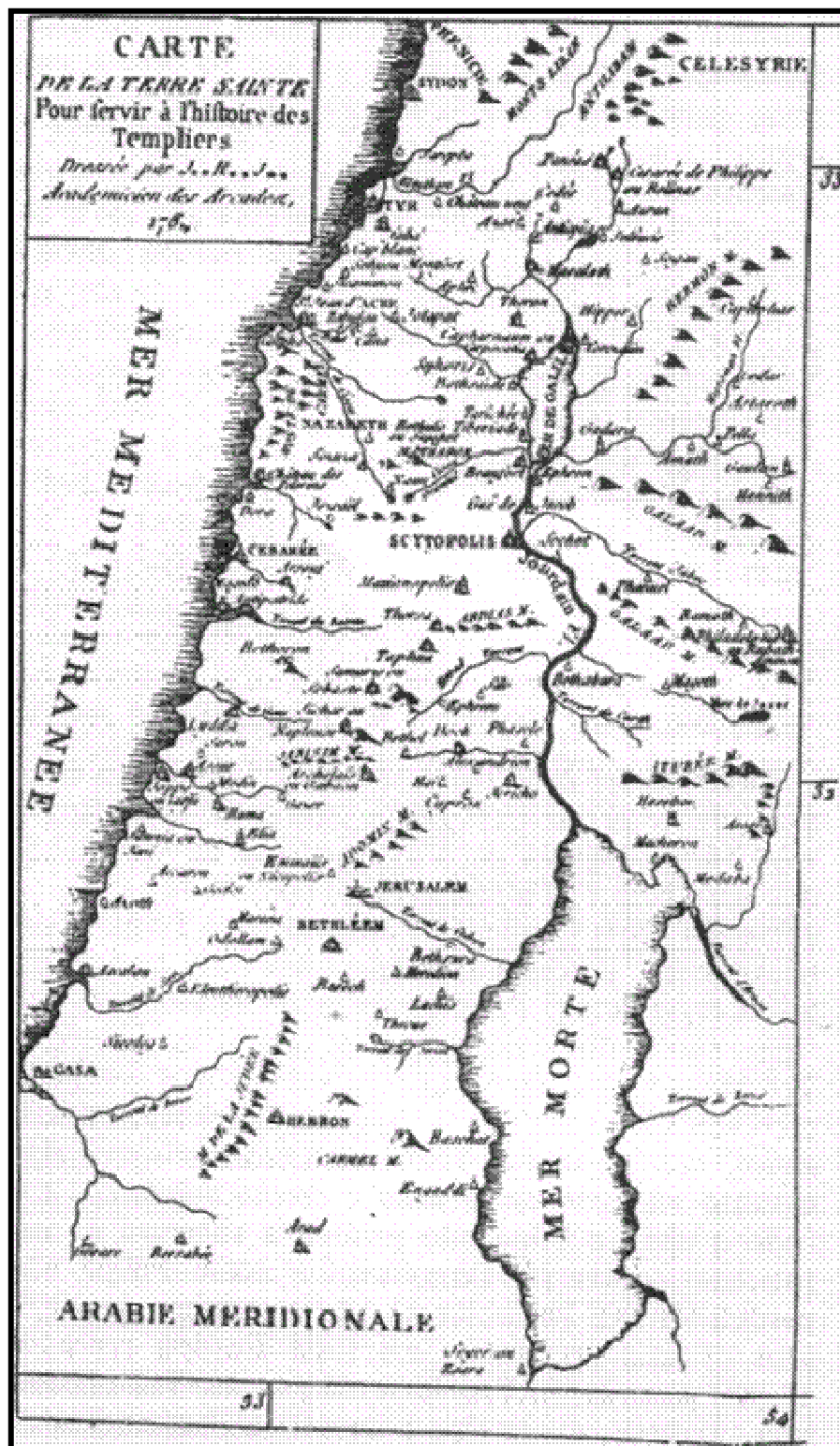


Figura 3: Mapa publicado em 1789

Em suma, o conflito dos *Templários* com o Estado — e com a *Igreja*, que atuava no interesse do *Estado* — foi resultado direto do poder e da riqueza acumulados pela ordem. Os Templários, ao que tudo indica, jamais se moveram por interesses políticos e nem tampouco alimentavam desejo de cambiar a sociedade civil. Ao contrário, em conflito suscitado quatro séculos mais tarde entre a Franco-maçonaria e a autoridade estabelecida, possuía um caráter nitidamente político. Os maçons tinham certamente idéias políticas que alguns governantes não estavam dispostos a tolerar.

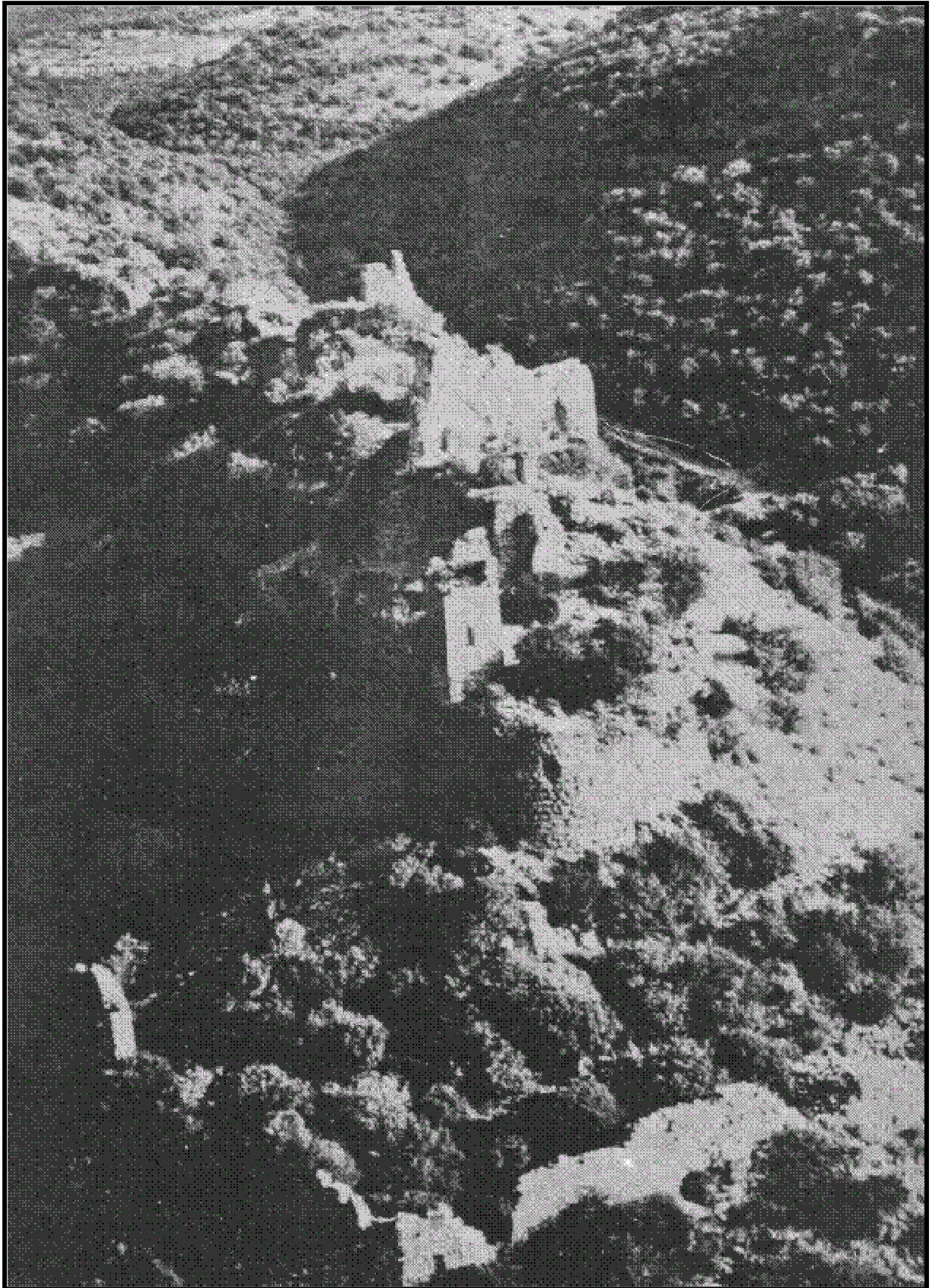


Figura 4: Castelo de Mon Forte de propriedade dos templários

Cap. 4: OS CAVALEIROS DO SENHOR

A reconquista de Jerusalém, pelos primeiros cruzados, em 1099, não havia resolvido totalmente os problemas de segurança enfrentados pelos peregrinos cristãos a Terra Santa. Os fiéis deveriam atravessar grandes extensões de terras semidesérticas, dominadas por grupos muçulmanos armados ou então assoladas por bandoleiros que despojavam os viajantes de seus valores e não raro os matavam. Algumas fortificações isoladas não solucionavam em absoluto o problema, consequência direta da ausência de forças cristãs, já que quase todos os cruzados haviam retornado a Europa após consumir-se a liberação da cidade santa.

Em 1119, um desses cavaleiros cruzados, **Hugo**, originário de *Payens*, na *Champanha* francesa, convocou um pequeno grupo de amigos e expôs-lhes a idéia de consagrarem suas vidas a proteção dos peregrinos. A preocupação de Hugo não era nova, já que em 1110, juntamente com outros cavaleiros, ele havia erigido a *Torre de Destroit*, sobre a rota que liga *Caiás* a *Cesaréa*, com essa finalidade.

O primeiro grupo chefiado por Hugo era integrado por 9 cavaleiros, entre os quais *Andrés de Montbard*, tio de *Bernard*, *abade de Clairvaux*. Estavam decididos a consagrar-se a uma vida não só de sacrifícios, mas também de pobreza, e autodenominaram-se então como *Pobres Cavaleiros de Cristo*.

Ante o *Patriarca de Jerusalém* pronunciaram seus votos e sob a sua proteção se instalam. Posteriormente, o rei *Balduino II* lhes cederia a sua primeira residência, que se supunha haver sido parte do templo de Salomão e que os muçulmanos haviam convertido na mesquita de *Al-Aqsa*, que existe até os dias de

hoje. E por terem a sua casa em tal lugar, os *Pobres Cavaleiros de Cristo* passaram a ser chamados de *Cavaleiros do Templo*, nome que acabaram por adotar oficialmente.

Sua idéia, totalmente original, de consagrar a *vida a Cristo*, mas sem deixar de empunhar a, espada, tinha que forçosamente entusiasmar a muitos cavaleiros, cheios de fé, porém de muito ardor guerreiro. As primeiras façanhas dos *Pobres Cavaleiros de Cristo* contra os bandos muçulmanos não tardaram em ser conhecidos na Europa, despertando admirações e inúmeras adesões. Quem contribuiu em boa medida para a difusão das façanhas dos Cavaleiros foi quem posteriormente seria *São Bernardo*, um homem que profundamente preocupado com a situação no *Oriente*, não se cansava de espicaçar aqueles cavaleiros que preferiam a vida inútil e cômoda das cortes européias ao heroísmo daqueles que se batiam na *Terra Santa*.

Assim, o número de *Cavaleiros do Templo* não cessou de crescer. E até mesmo o *Conde Hugo de Champanha*, senhor de *Hugo de Payens*, ingressou na Ordem, dotando-a com boa parte de suas propriedades.

Em 1127, *Hugo de Payens*, acompanhado de um reduzido número de cavaleiros, chega a *Roma* para solicitar ao *Papa Honório II* o reconhecimento oficial da *Ordem*, para o que conta com o apoio entusiasta e influente do *Abade de Clairvaux*. O *Sumo Pontífice*, impressionado, convoca o *Concílio de Troyes* para estudar a súplica dos cavaleiros. O *Concílio* reúne-se em começos de 1128 e escuta de *Hugo de Payens* um relato acerca da história do grupo, de sua forma de vida, dos seus feitos em armas e também seus projetos para o futuro imediato. Seu estilo conciso de guerreiro, unido a sua profunda fé, acabou por impressionar fortemente

aos arcebispos, bispos e abades presentes, que aceitaram de imediato a proposta de *Hugo* no sentido de que fosse *Bernardo de Clairvaux* quem redigisse a regra da *Ordem*. O futuro santo aceitou-o e o resultado de seu trabalho foi reconhecido pelo *Concílio* com poucas modificações, ainda que a versão que chegou aos nossos dias seja a chamada *Regra Latina*, redação posterior da regra atribuída ao *Patriarca de Jerusalém*, *Estevão de Chartres*.

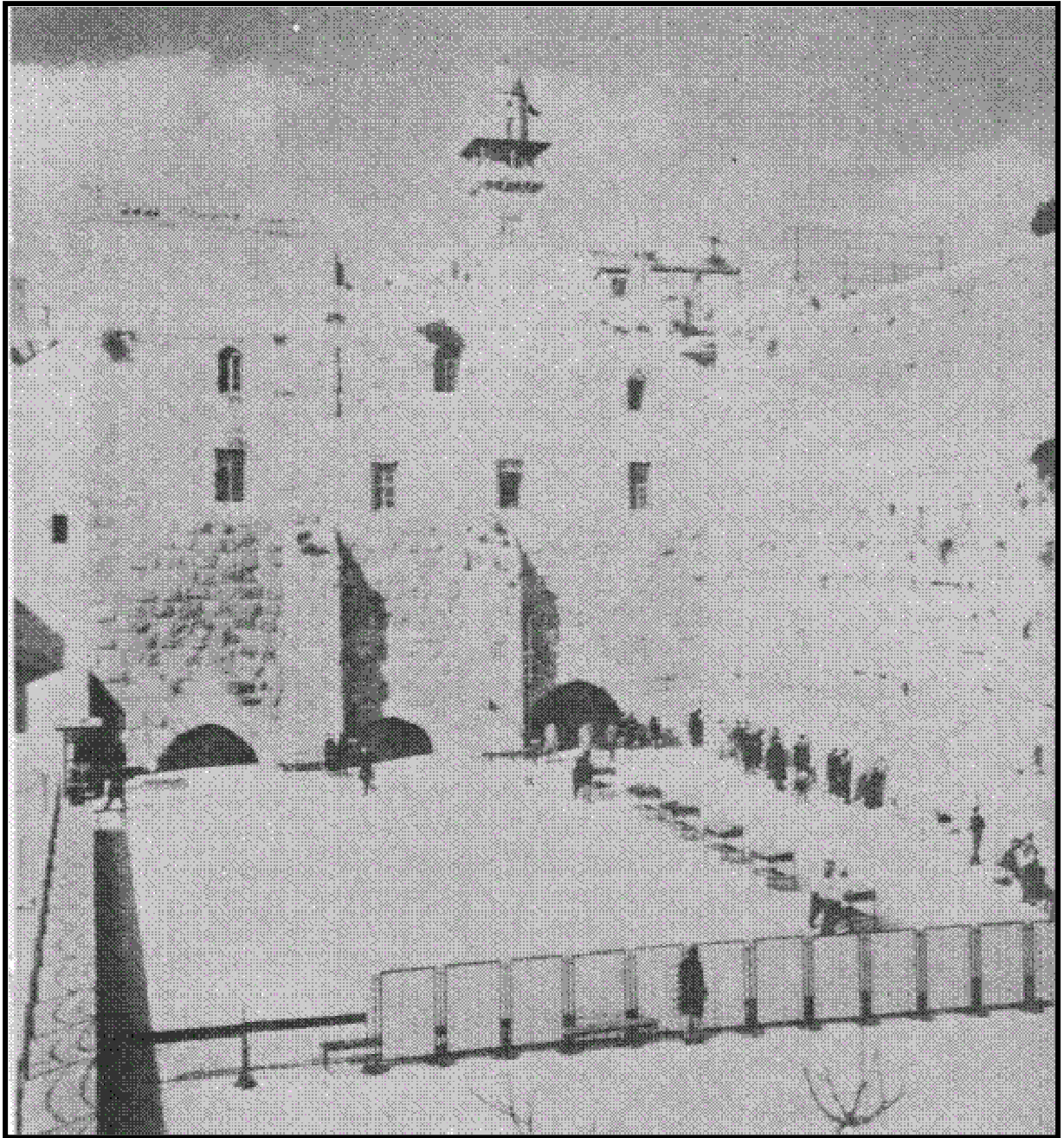


Figura 5: Embrião do império dos cavaleiros templários

A regra redigida por São Bernardo detalha com rigor a vida dos Cavaleiros Templários até os seus mínimos detalhes. Consta de 72 artigos, intitulado-se o primeiro "*Como se há de ouvir o ofício divino.*"

"Vós, que em certa maneira renunciasteis apropriada vontade, e os demais, que pela salvação de almas militares servindo ao Rei Supremo com cavalos e armas, procurais universalmente com piedoso e puro afeto ouvir as matinas e todo ofício divino, segundo a canônica instituição e costume dos doutores regulares da Santa Igreja de Jerusalém. E por isso, veneráveis irmãos, a vós muito em particular os toca, porque havendo desprezado o mundo e os tormentos de vossos corpos, prometesteis ter em pouco o mundo por amor de Deus; e assim fortalecidos e saciados com o divino manjar, instruídos e firmes nos preceitos do Senhor, depois de haver consumado e assistido o mistério divino, que nenhum tema a peleja, se não está apercebido para conseguir a vitória e a coroa. "

Nessas primeiras frases está contido o sentido da *Regra*.

Na *Regra* são estipuladas as orações que deveriam ser proferidas pelos cavaleiros que não pudessem, por estar "*distantes ou em país remoto, em negócio da cristandade*", escutar a missa nos dias de preceito; e o que se deve fazer pelos irmãos mortos. Entre outros sufrágios e caridades, estipula-se que se rezarão 100 padres nossos até o sétimo dia, "*porque 7 é o número da perfeição*", frase que não têm deixado de notar os estudiosos dos aspectos **esotéricos da Ordem**.

Se proibia aos cavaleiros ouvir a missa de pé, proibindo-se também falar durante as refeições, nas quais será lida a "*santa lição*". Comerão carne nas terças,

quintas e domingos e nos demais dias da semana, pratos de legumes.. .A décima parte do pão deve ser dada aos pobres, assim como os restos de comida...

A vestimenta dos cavaleiros deve ser branca "*pois abandonaram as sombras da vida secular*", que sejam conhecidos por amigos de Deus na sua vestimenta branca e lucidia. E que é a cor branca senão a de inteira pureza? A pureza é segurança do ânimo, saúde do corpo. Se o religioso militar não guardar a pureza, não poderá alcançar a eterna felicidade e vista de *Deus*...Que nenhum cavaleiro use peles preciosas para a vestimenta comum, nem para a coberta de cama, senão peles de cordeirinhos ou carneiros. E se algum pretender como devido a sua pessoa ou como ânimo de soberba vestidos mais novos ou curiosos, por tal pretensão deverão se lhe dar os piores...

Em seu prólogo, a *Regra* somente exige a condição de cavaleiro para a admissão na Ordem:

"Falamos aos que desprezam seguir sua própria vontade e de pura coragem desejam servir de cavalaria ao soberano Rei... Nós os advertimos que haveis levado secular cavalaria até aqui, na qual Jesus Cristo não foi causa, porém que vós haveis abraçado somente por humano favor, que sigais a que Deus há elegido da massa de perdição e há ordenado para a defesa de sua Igreja".

Em outras palavras: todo cavaleiro pode ingressar na Ordem, mas que cerimônias devem ser cumpridas para a sua admissão?

O ritual, que não figura na regra original, vai se fazendo mais complexo através dos anos, até ter um aspecto que o aproxima às *sociedades herméticas*, ao ponto que se crê que tenha sido tomado como modelo pelos maçons em suas cerimônias de iniciação. *Régine Pernoud* dá-nos uma descrição que acabou por se tornar clássica:

O Mestre tomada a palavra ante o capítulo reunido.

"Formosos senhores irmãos, vos veis bem que a maioria se colocou de acordo para fazer alguém irmão; se houvera um de vós que soubera dele de coisa pela qual não deveria, em direito, ser irmão, que o diga, pois mais bela coisa o seria que o dissesse antes que depois que haja vindo ante nós."

Se não se diz nada.

O Mestre manda buscar o postulante e colocá-lo em um quarto próximo ao capítulo. Nesse quarto, o postulante recebe a visita de dois ou três dos "*homens bons*", os mais antigos da casa, que lhe perguntam: "*Irmão, pedis a companhia da casa?*". Se o postulante afirma que sim, devem então mostrar-lhe as grandes durezas da casa e os caritativos mandatos ali existentes. E se diz: "*Que sofrerá gostosamente tudo por Deus e que quer ser servo e escravo da casa para sempre, todos os dias de sua vida*", devem formular-se de novo algumas perguntas que pontualizam o seu estado:

"Tens mulher, esposa ou prometida?".

"Alguma vez fizesteis promessa ou voto em outra Ordem?"

"Contraístes dívidas que não podeis pagar?"

"És são de corpo?"

"Não teneis alguma enfermidade oculta?"

"Não és servo de algum homem?"

Depois de haver inquirido cuidadosamente o postulante acerca de sua situação cível e física, os irmãos tornam a ingressar no capítulo e declarar:

"Senhor, falamos com esse homem bom que está afora e demonstramos-lhe as durezas da casa... e ele diz que quer ser servo e escravo da casa...".

O Mestre renova as perguntas e de novo inquire:

"Quer eis que o traga para servir a Deus?"

E o capítulo responde:

"Faça-o vir para servir a Deus".

Busca-se então o postulante e se lhe pergunta outra vez se segue tendo as mesmas intenções e logo se lhe

introduz no capítulo. Deve ajoelhar-se diante do que o dirige, com as mãos juntas e dizer:

"Senhor, hei vindo ante Deus e ante vós e ante os irmãos e lhes rogo e requeiro por Deus e Nossa Senhora, que me acolhais em vossa companhia e nos benefícios da casa como aquele que sempre e desde agora quer ser servo e escravo da casa".

O Mestre então pronunciava uma bela exortação:

"Nobre irmão, pedis grande coisa, pois nossa religião não vê mais que a corte que está afora, porém a corte é isso que nos vês manter formosos cavalos, belos arneses e beber bem, comer bem e formosas roupas e aqui parece que estareis muito cômodo. Pois é muito que vós, que sois senhor de vós mesmos, fareis de vós servo de outros, pois fareis jamais algo que quedeis; se quiseres estar na terra desse lado do mar (Ocidente), sereis enviado ao outro lado; se quiséreis estar em Acre, sereis mandado à terra de Tripoli, ou da Antióquia ou da Armênia...Ou várias outras terras onde temos casas e possessões. E se quiséreis dormir, se lho fará estar desperto, e se às vezes quiserdes estar desperto se lho mandará repousar em vosso leito...".

Em seguida, as perguntas formuladas em privado ao postulante são repetidas diante do capítulo:

"Quereis ser no sucessivo todos os dias de vossa vida servo e escravo da casa? Quereis abandonar no sucessivo vossa própria vontade todos os dias de vossa vida para fazer o que vosso comendador o ordenar?".

Em caso afirmativo, o postulante deve responder:
"Sim, senhor, Deus quer".

O mestre ordena-lhe então que saia do capítulo e dirigindo-se aos irmãos reunidos repete a pergunta feita precedentemente no caso de que algum deles saiba de algum impedimento a recepção do novo irmão. Depois do que, um deles deve dizer:

"Façamo-lo vir para servir a Deus".

A cerimônia de recepção propriamente dita começa quando o postulante, no capítulo, se ajoelha com as mãos juntas e pronuncia seu pedido:

"Senhor, venho ante Deus, ante vós e ante os irmãos, e rogo-lhes e requeiro-lhes por Deus e por Nossa Senhora que me acolhais em vossa companhia e nos benefícios da casa, espiritual e temporalmente, como aquele que quer ser servo e escravo da casa todos os dias de sua vida a partir de agora".

O capítulo reunido renova as perguntas feitas anteriormente e em seguida exorta o postulante a orar. Todos

juntos recitam o Padre-Nosso e o irmão-capelão uma oração ao Espírito Santo e depois o presidente do capítulo toma o livro dos Evangelhos e o novo irmão o sustenta com as duas mãos, ajoelhado. Repetem-se então em detalhe as perguntas feitas sobre cada ponto: o postulante não é casado, nem prometido, nem pertenceu a outra ordem religiosa, etc. Todos os impedimentos possíveis são repassados e assim se convida aos "*velhos homens da casa*" a saber se alguns desses impedimentos foi esquecido. Passa-se então a parte positiva dos compromissos. As promessas que faz o irmão:

"Bom irmão, escutai bem o que diremos: prometeis a Deus a Santa Maria que a partir de agora e todos os dias da vossa vida vivereis castamente com vosso corpo? Que vivereis sem bens (pobremente, sem possuir nada próprio)? Que observar eis os bons usos e os bons costumes dessa casa? Que ajudar eis a conquistar, segundo a força e o poder que Deus vos deu, a Terra Santa de Jerusalém? Que nunca abandona-reis esta "religião" (ordem religiosa)? nem por parte, nem por débil, nem por pior, nem por melhor?"

A todas essas perguntas a resposta é:

"Sim, senhor, se Deus quiser".

E o que preside o capítulo conclui:

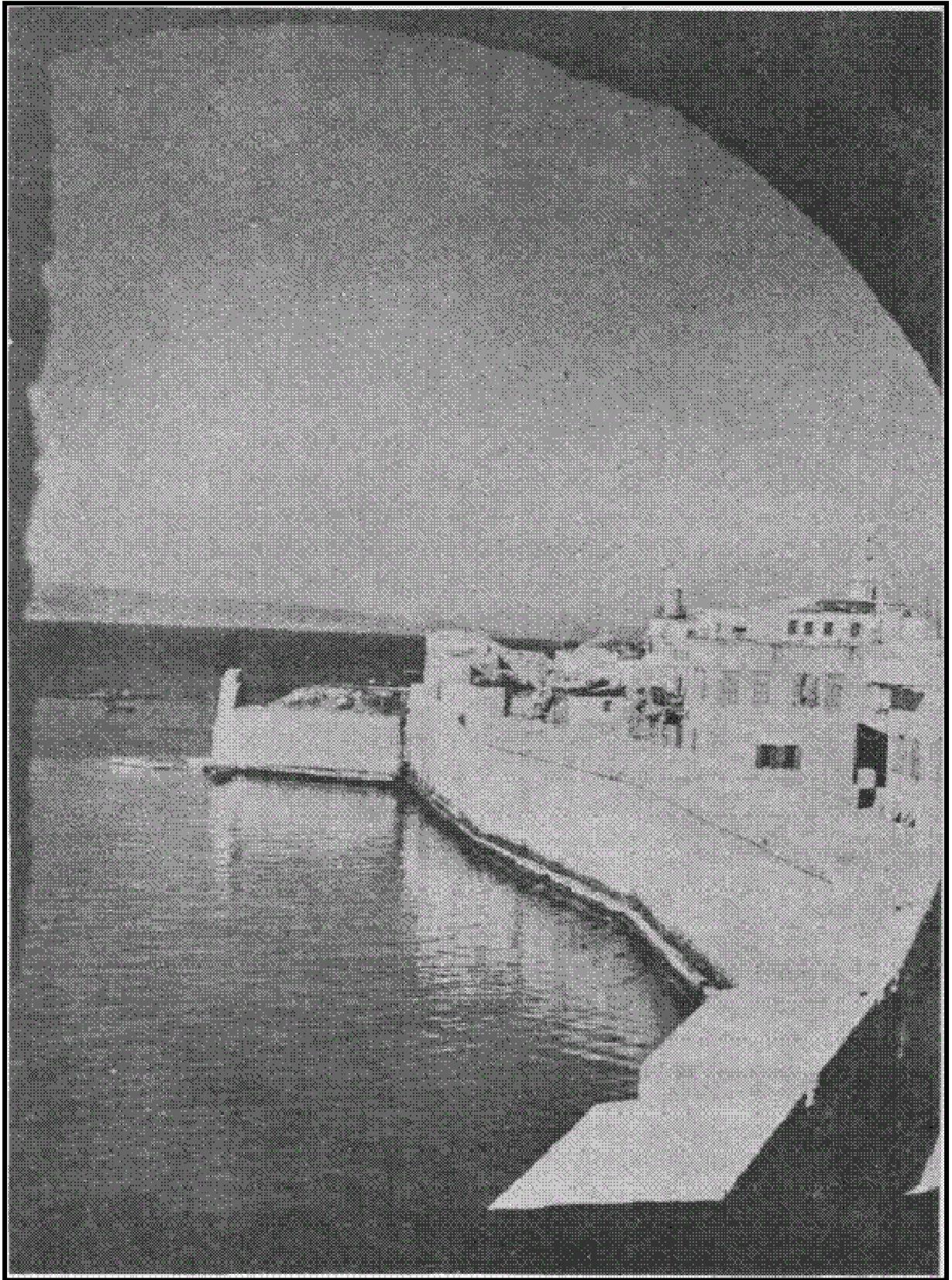


Figura 6: Aqui perto das muralhas marítimas de Acra os templários foram derrotados pelos muçulmanos.

"Nós, em nome de Deus e de Nossa Senhora Santa Maria, do monsenhor São Pedro de Roma e de nosso apóstolo (o Papa) e de todos os santos do Templo, os acolhemos a todos os benefícios da casa que existem desde o começo e que existirão até o fim, a vós e a vosso pai e mãe e a todos os que quereis acolher de vossa linhagem. Trata-se da participação nas pregadas, orações e benefícios espirituais da Ordem do Templo. Vós também, vós nos acolhereis em todos os benefícios que haveis feito e que fareis, e também o prometemos o pão, a água e a pobre roupa da casa, e a pena e o trabalho excessivo" (a roupa, no caso, designa os bens materiais em geral).

O postulante é então coberto com o manto da Ordem. Após uma oração proferida pelo capelão e o salmo de recepção habitual nas outras ordens religiosas.

"ó, que bom e doce é viver juntos" (Salmo 132).

O Mestre ou seu representante levanta o irmão e o beija nos lábios e o capelão faz o mesmo. Segue-se uma exortação que enumera ao postulante os principais usos e pregarias da *Casa do Templo*. Trata-se de um resumo da *Regra* que insiste sobre as faltas que Ocasionariam para o cavaleiro a *"perda do hábito"* ou a *"perda da casa"*; é dizer, a expulsão da *Ordem*.

As reuniões de recepção — ou iniciação — realizavam-se a noite e o postulante era convocado a uma sala e não a capela, o que nos faz recordar as sessões iniciáticas tanto egípcias como gregas. Posteriormente, os maçons faziam o mesmo.

Na maioria das ordens iniciáticas, o postulante golpeava fortemente a porta da sala ou do templo onde estava reunido o capítulo, porém no Templo isso não ocorria, senão que pedia-lhe se lhe fosse aberta a porta? Por três vezes, o capítulo enviava dois cavaleiros a perguntar o motivo que levava o "*desconhecido*" até ali. Na terceira vez, e bem respondidas as perguntas rituais, o postulante era então admitido. A porta, com todo o simbolismo implícito, se abria ante ele...

O beijo na boca, dado pelo *Mestre* ao postulante, serviu, mais tarde, para que sérias acusações de sodomia fossem levantadas contra os cavaleiros *templários*. O *beijo na boca*, todavia, tem uma significação bem distinta e era rito comum entre os povos mais primitivos. Representava-se com esse ato a transmissão de poderes, sabedoria etc., do mais santo, o mais sábio, ao neófito ou iniciado.

Alguns autores sustentam que a cerimônia de admissão se encerrava com as seguintes palavras do Mestre:

"Dissemos as coisas que deveis fazer e que deveis guardar e se não temos dito tudo, é porque dizer não podemos até que vós o demandeis. E que Deus os faça fazer e dizer bem. Amém".

Disso seria lícito deduzir uma possível segunda iniciação, a antecipação de futuras revelações, que não seriam feitas a todos irmãos, senão somente a quem as demandasse. Isso pode ser interpretado literalmente ou em seu sentido mais profundo a quem as mereça, aqueles que se fizerem merecedores de ascender a planos mais elevados.

Cap. 5: AS ARMAS DO SENHOR

É surpreendente que o primeiro combate livrado pelos *templários* contra os muçulmanos não tenha ocorrido na Terra Santa, mas sim na Península Ibérica. Em 1132, *Roberto ò Senegalês* e *Hugo Rigaud* triunfaram sobre seus inimigos em Grañena e foram recompensados pelo conde *Ermengaud d'Urgell* com o castelo de Barbará. Supõem-se que se encontravam na península desde 1129 e, em poucas décadas, chegaram a possuir importantes fortalezas, muitas delas doadas por condes de Barcelona. E sem dúvida, somos forçados a reconhecer que a ação *militar templária* contra os *muçulmanos na Espanha* foi mínima, quase nula. É que as forças da *Ordem* estavam concentradas no *Reino de Jerusalém*, para a defesa dos lugares santos, finalidade para a qual houvera sido criada.

O primeiro embate na *Terra Santa* de que se tem notícia ocorreu em 1138, quase duas décadas depois da instituição da *Ordem*. *Guilhermo de Tiro*, famoso cronista da época, conta que os turcos haviam se apoderado da cidade de *Teqoa* e *Roberto de Craon*, que havia substituído ao fundador *Hugo de Payens*, frente à *Ordem*, retomou-a com a ajuda de vários cavaleiros. E por não haver perseguido os inimigos em fuga, esses se reagruparam e caíram de surpresa sobre os *templários* matando grande número deles.

Em 1144, o *Sultão Zenguí* sitiou *Edessa* e seu senhor, *Jocelin II* de *Courtenay* pediu ajuda a *Raimundo de Poitiers*, que governava a Antioquia. A ajuda não foi concedida e *Edessa* caiu. Em 1147, *Nour-ad-Din*, sucessor de seu pai, *Zenguí*, assassinado em 1146, atacou várias cidades da Antioquia e então foi *Raimundo* quem pediu ajuda a *Jerusalém* e, como *Jocelin*, não teve êxito. O

resultado dessas desinteligências foi à perda de enclaves estratégicos como *Oronto* e *Artesia*. Anos antes, *Zenguí* já havia tomado *Aleppo* e *Hamah*.

O Ocidente se comoveu com essa série de catástrofes e *Bernardo de Clairvaux*, bem informado da situação pelos *templários*, foi de cidade em cidade e de aldeia em aldeia pregando a *Segunda Cruzada*. Em *Vezelay* convenceu a *Luiz VII* que tomasse a *Cruz* e, em *Spira*, fez o mesmo com o imperador *Conrado*.

Poucos anos antes, *Luiz VII* havia entregue aos *templários* uma grande extensão de terras pantanosas nas aforas de Paris, o lugar é hoje conhecido com o nome de *Marais*, e a Ordem, após realizar uma magnífica tarefa de exaustão e nivelamento da área, ali erigiu o famoso castelo onde *Maria Antonieta* passaria os seus últimos dias. Em 27 de abril de 1147, o recém construído castelo foi honrado com a presença do *Papa Eugênio III* que presidiu o capítulo em que 130 cavaleiros decidiram pela participação da *Ordem* na nova *Cruzada*.

Ao cruzarem por terras bizantinas, *Manuel Comneno* exigiu que as tropas do imperador lhes rendessem vassalagem, o que *Conrado* obviamente se negou a fazer. Isso, somado aos atos violentos cometidos pelas tropas contra as populações locais, deu pretexto ao imperador de *Bizâncio* para unir-se aos turcos. Pouco tempo mais tarde, o exército alemão era conduzido ao desastre por seus guias bizantinos. Nada menos do que 30 mil homens morreram nessas jornadas.

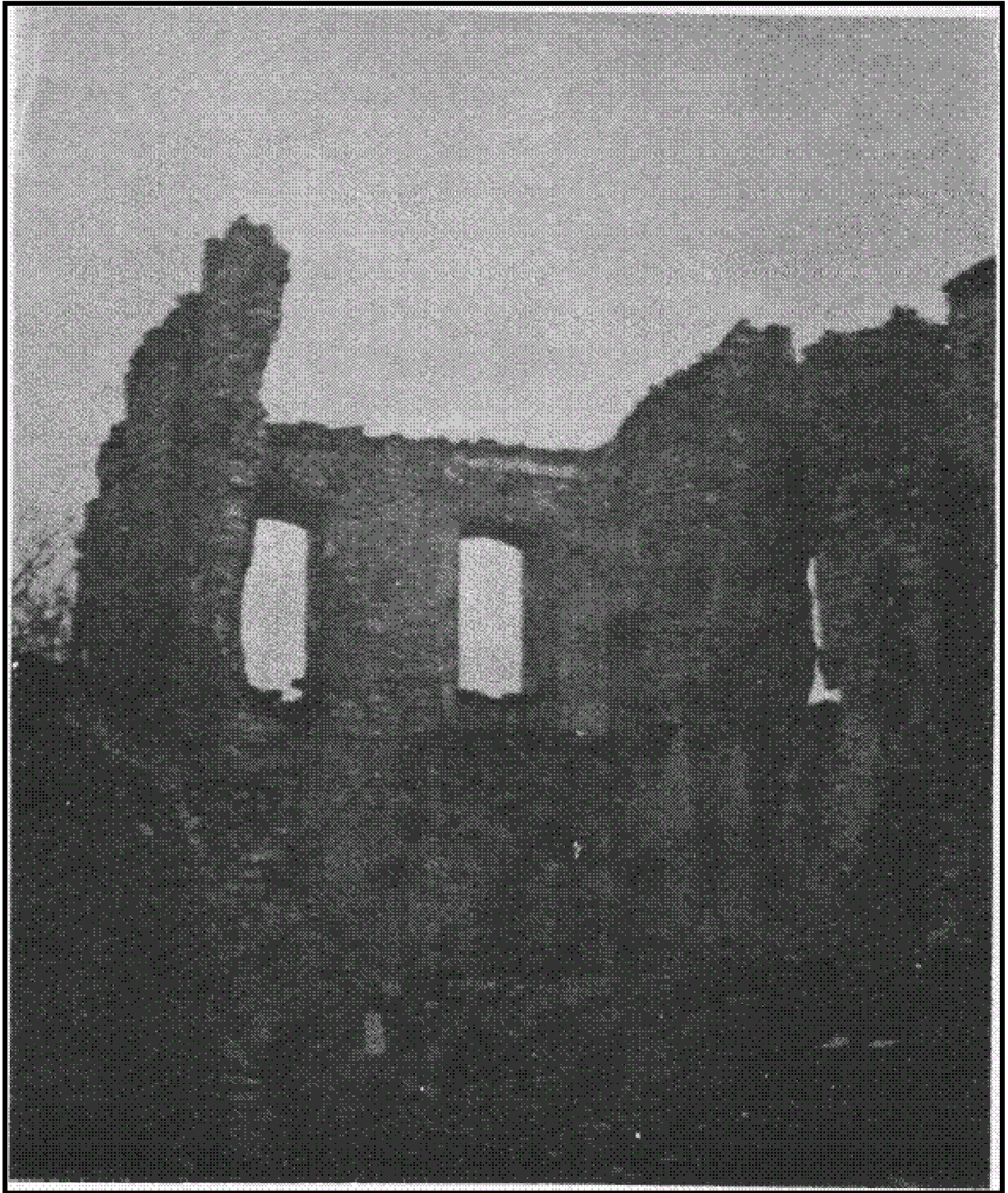


Figura 7: Ruínas do maior castelo dos templários, o castelo de Gréoux no sudeste da França.

Luiz VII também foi fortemente assediado pelos turcos, mas conseguiu salvar seu exército graças a ação dos *templários*. Surpreendidos os franceses nos desfiladeiros de *Pisidia*, a vanguarda cristã cometeu o erro de perseguir o que julgava ser uns poucos turcos, através dos estreitos passos montanhosos, desconhecidos para eles. Foi somente a coragem de *Everardo de Barres*, que mais tarde sucederia a *Roberto de Craon* como *Grão-Mestre*, que salvou a todo exército de um desastre. Basta dizer que o mesmo rei prosseguiu a marcha sob a direção militar dos *templários*.

Everardo voltou urgentemente à Europa e regressou com um reforço de *300 cavaleiros*, porém inúmeros fatores conspiravam contra o *êxito da Cruzada*. Em primeiro lugar, a própria força do inimigo, que se batia em seu próprio terreno, além de desavenças entre o rei e o imperador e, também, os problemas conjugais de *Luiz VII*.

Enquanto *Guilhermo de Poitiers* queria reconquistar *Aleppo*, *Luiz* preferia sitiar Damasco. Por fim todos puseram-se de acordo por atacar essa última cidade, mas o *Emir de Damasco* já conseguira a presença do temível sultão de *Zenguí*, o que assustou as tropas do rei de Jerusalém, que debandaram arrastando atrás de si muitos soldados franceses. Os *templários*, como sempre, mantiveram-se firmes em seus postos, porém eram em número reduzido para evitar que tudo terminasse numa retirada para salvar vidas.

A *Segunda Cruzada* havia terminado em fracasso. *Edessa* estava irremediavelmente perdida? *Antióquia* nada mais era do que uma faixa costeira e *Tripoli*, assim como o próprio *Reino de Jerusalém*, ficavam diretamente ameaçadas.

Amargurado com tudo isso e, muito mais, com a morte de tantos *templários* pela inércia ou pelas dissensões dos grandes chefes cruzados, *Everardo de Craon*, valente guerreiro da cristandade, abandonou o *Grão-Mestrado da Ordem e a Terra Santa*, recolhendo-se entre os muros do *monastério de Citeaux*. Quem o sucedeu como *Grão-Mestre foi Bernardo de Tremelay*, responsável pelo sucesso na captura de *Ascalon*. Esta cidade, situada no litoral e portanto um enclave estratégico de fundamental importância, nunca havia sido tomada pelos cruzados e a partir dela os turcos fustigavam sem descanso as rotas utilizadas pelos peregrinos. O rei de Jerusalém, *Balduino III*, guerreiro hábil e valente, que acabava de tomar *Escalona* aos egípcios, decidiu tentar um ataque a cidade, que muitos consideravam como inexpugnável. Após quatro meses de sítio, os cristãos conseguiram abrir uma brecha nas fortificações e através dela infiltraram-se 40 *templários*. Conta ainda *Guillermo de Tiro*, que o *Grão-Mestre Bernardo de Tremelay* colocou seu corpo contra a brecha para impedir a passagem de outros soldados cristãos. Estava claro que sua intenção era a de ficar com a cidade. Porém seu egoísmo levou-o a morte, juntamente com os 40 confrades. Seis dias mais tarde, as tropas do rei *Balduino III* tomavam *Ascalon*.

Em 1162, *Balduino* foi sucedido por seu irmão, Amaury. Convencido da necessidade de romper a unidade muçulmana, como única forma de manter as possessões cristãs, Amaury esboçou uma sutil política de alianças com o sultão do Egito, com o fim de inimizá-los com os sírios. Porém, impelido pelo imperador de Bizâncio, que era seu cunhado, ele se dispôs a romper a aliança com o sultão do Egito e atacar suas terras.

Essa foi uma das poucas, senão a única, oportunidade em que os *templários* se recusaram a seguir o rei de *Jerusalém*. *Bertrand de Blanquefort*, então

Grão-Mestre da Ordem, recriminou *Amaury* por faltar com sua palavra e negou-lhe a ajuda *templária*. Os fatos lhe deram razão, porque a nova campanha do Egito foi tão desastrosa como as anteriores e foi somente a ajuda bizantina que evitou o que poderia ter sido a catástrofe definitiva.

Mas, além do aspecto militar, o erro de *Amaury* resultou no acercamento entre o Egito e a Síria. Isso teria ocorrido de qualquer maneira, mas um personagem excepcional, *Saladino*, acelerou a marcha dos acontecimentos. Primeiro assassinando o *vizir* e depois derrubando o *Sultão*, último representante da dinastia *fatimida*, assumiu o poder no Egito. Fácil então lhes foi dominar o neto de *Zenguí*, que tinha apenas 15 anos, apoderando-se de *Damasco e Aleppo* para unificar, em 1183, o mundo muçulmano e, conseqüentemente, asfixiando com um círculo de ferro o débil *Reino de Jerusalém*. Para enfrentar um adversário do porte de *Saladino*, o famoso rei leproso *Balduino IV*, filho de *Amaury* e coroado à morte do pai quando tinha apenas 13 anos de idade...

Alguns poucos anos antes havia se produzido um episódio destinado a repercutir largamente sobre a vida esotérica dos templários. Dominava amplas regiões do deserto um místico conhecido como o *Velho da Montanha*, chefe da seita dos assassinos, palavra que, como se sabe, deriva do *haschische*, droga que o velho obrigava seus guerreiros a ingerir.

Esse personagem, cujo nome era *Hassam Ben Sabbah*, com a divisa nada é verdade, tudo é permitido, rebelou-se contra a ortodoxia ismaelita e perseguido nas suas idéias baseadas na ação direta para alcançar seus fins, que não eram outros que não o poder, apoderou-se da fortaleza de *Alamout*, ao sul do mar *Cáspio* e organizou a partir dali uma poderosa força de seguidores

incondicionais que, por sua mescla de fé religiosa e ação, sua disciplina férrea e consagração total a causa, podia assimilar-se a *Ordem do Templo*.

Em 1124 morreu *Hassan* e foi sucedido por *Kja Burzig Hamid*, quem multiplicou os assassinatos, método preferido da seita, e os atos de pilhagem contra caravanas, peregrinos e povoações. Membros do bando assassinaram em *Aleppo* o filho do conde de Tripoli, *Raymond III*, e os cavaleiros *templários* decidiram vingar o crime, enfrentando pela primeira vez a seita dos assassinos. A vitória cristã foi total, ocupando os cristãos os territórios inimigos e exigindo para retirar-se o pagamento de um tributo anual de 12 mil peças de ouro.

Pouco antes de sua morte, em 1174, o rei *Amaury* recebeu uma delegação enviada pelo *Velho da Montanha*, que lhe oferecia uma aliança contra os muçulmanos, inimigo comum, e até uma possível conversão ao cristianismo, se o rei os liberasse do pagamento do pesado tributo imposto pelos *templários*. *Amaury* aceitou. Quando a delegação retornava às suas terras, o *templário Gautier de Mesnil* com seus homens surpreendeu o grupo, degolando a todos. A reação de *Amaury* foi terrível, exigindo ao *Grão-Mestre Eudes de Saint-Amand* a imediata entrega do culpado. Porém o *Grão-Mestre* que, segundo *Guilhermo de Tiro*, "*não temia a Deus e não respeitava a nenhum homem*", negou-se a fazê-lo, dizendo que somente o *Papa* é que poderia julgar *De Mesnil*. O rei de Jerusalém, segundo os testemunhos históricos, decidiu pedir ao *Papa* a dissolução da *Ordem*, considerando que era um estado dentro do estado. O tifo o matou antes que pudesse levar a prática o seu desejo.

Com *Balduino IV*, o leproso, no trono, *Eudes de Saint-Amand* não cessou seus atos de independência frente ao poder real. Violando os termos da trégua que

Balduino havia firmado com *Saladino*, já poderosíssimo, construiu uma fortaleza na zona fronteira do reino cristão onde a proibição de fortificar, segundo os termos da trégua, era terminante. Nem bem haviam erigido a fortaleza quando os turcos a sitiaram, assaltando-a e massacrando seus defensores, *templários* na totalidade. Ao *Grão-Mestre*, sobrevivente com um punhado de seus homens, *Saladino* ofereceu a liberdade em troca do pagamento de um resgate. *Saint-Amand* respondeu com uma frase que se tornou célebre:

"Um templário não pode oferecer como resgate mais que seu cinturão e sua espada". Ele morreu no cativeiro em 1179.

Parecem terminar aí as desavenças entre a *Ordem* e o rei de Jerusalém. Este, com 17 anos incompletos, logra infligir ao grande *Saladino* sua maior derrota. A frente de um pequeno exército, e com a presença na vanguarda de 80 cavaleiros *templários*, bate a 30 mil guerreiros islâmicos em Montgisard, entre eles os famosos mamelucos. Essa brilhante vitória proporcionaria alguns anos de paz e uma trégua com *Saladino*, que mais tarde anulada pela ambição e os atos de pilhagem de *Reinaldo de Châtillon*, senhor de *Montreal*, o que conduziu ao caudilho islâmico a uma guerra total e definitiva contra os cristãos.

O heróico *Balduino IV* morreu, vítima de sua terrível enfermidade, em 1185; quando tinha apenas 24 anos de idade, É de se crer que, se seguisse vivendo *Balduino*, o destino do Reino de Jerusalém poderia ter sido muito diferente.

Por não possuir descendência, *Balduino* designou como herdeiro o filho de sua irmã, *Sibila*, um pequeno que reinaria com o título de *Balduino V*, tendo como regente, também nomeado por *Balduino*, o nome conde de Tripoli, Raymond III. O menino morreria um ano depois de seu tio e o fato precipitou o desastre.

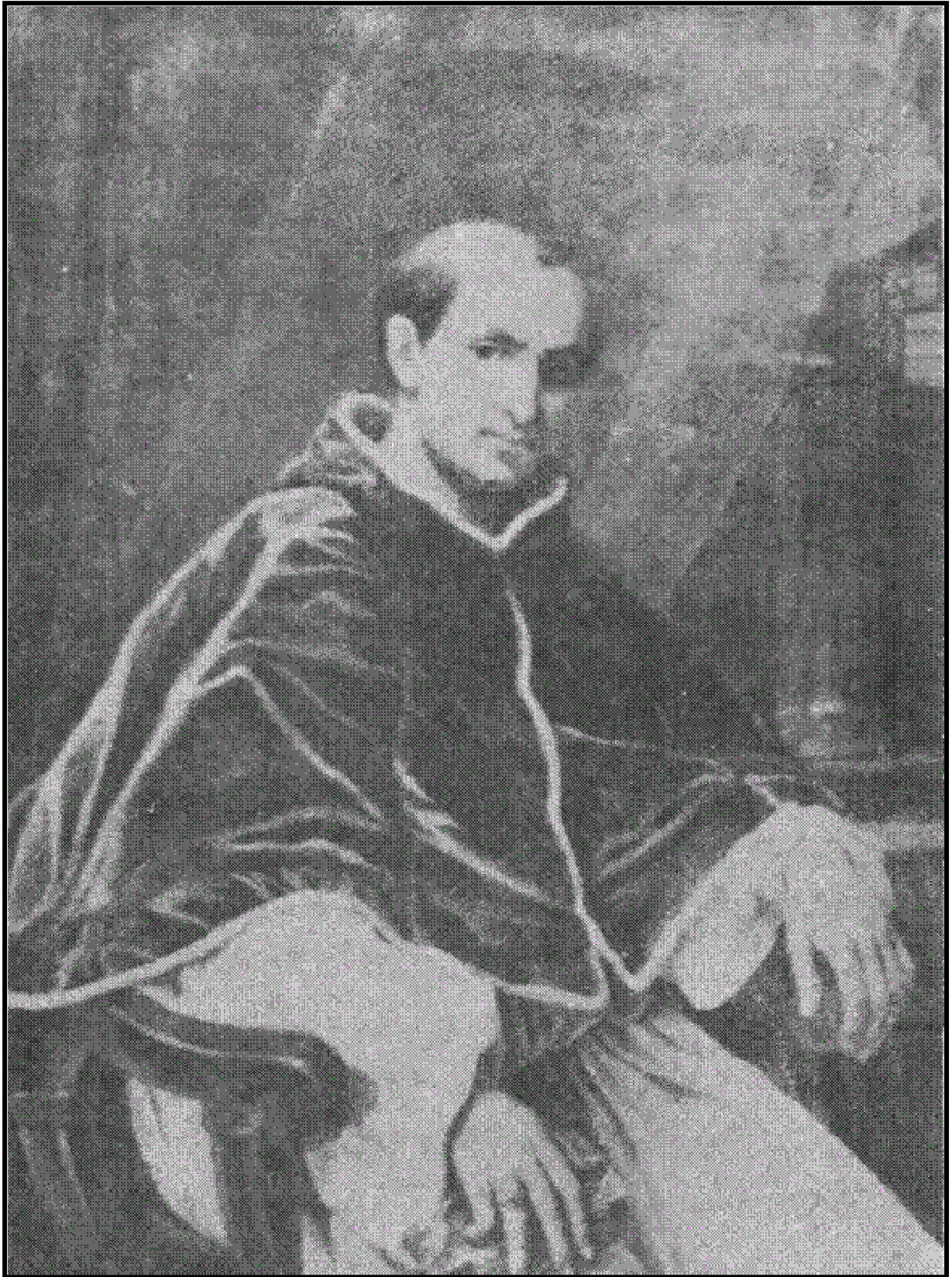


Figura 8: Pintura do Papa Clemente V, corrupto e destruidor da ordem dos templários, morreu logo após a execução de Jacques de Molay

O marido de Sibila, *Guy de Lusignan*, se converteu em rei de Jerusalém. Era um indivíduo sem conhecimentos e sem personalidade definida, que logo se transformou num joguete em mãos do *Grão-Mestre do Templo*, *Gerard de Ridefort*, inimigo jurado de *Raymond III*.

Ridefort foi um personagem nefasto para o *Templo*. Antes de ingressar na ordem havia sido um “cavaleiro da fortuna”, ou um mercenário, que havia servido sob as ordens de *Raymond III*, que lhe havia prometido a mão da filha de seu vassalo, o rico senhor de *Boutron*, *Guilhermo de Orei*; porém este morreu antes de realizar-se a boda e sua filha se negou a casar-se com *Ridefort*. O futuro *Grão-Mestre* viu nisso tudo a mão de *Raymond* e nunca lhe perdoou a afronta.

É de se supor que não por vocação religiosa, senão por ambição *Ridefort* ingressou na *Ordem do Templo* e à morte do espanhol *Arnaldo de Torroge*, o capítulo cometeu o tremendo erro de elegê-lo como novo *Grão-Mestre*. Seu governo seria nefasto para a *Ordem* e para *Jerusalém*.

Seu desejo de vingar-se do conde *Raymond* o levou a apoiar com todas as suas forças as pretensões de *Guy de Lusignan* (na realidade, de Sibila, sua esposa) ao trono de Jerusalém, contra a decidida opinião dos barões do reino. Triunfaram a rainha e o *Grão-Mestre*, e os dois coroaram o novo rei de quem *Ridefort* converteu-se em guia e conselheiro. De fato, era Ridefort o verdadeiro governante.

Em tão grave momento para a cristandade na *Terra Santa*, o já mencionado *Reinado de Châtillon*, senhor de *Montreal*, do *Krak de Moab* e de outros feudos, que não passava de um vulgar aventureiro, atacou, em plena trégua com *Saladino*, uma caravana mulçumana carregada de riquezas. Era a oportunidade que

o sultão aguardava para cobrar as derrotas que *Balduino IV* lhe assestara. Forçou a *Raymond* que, entristecido pela coroação de *Guy* havia firmado um pacto com ele, a que permitisse a passagem de suas tropas por seus territórios, para castigar *Châtillon*. O conde de *Tripoli* não teve outra alternativa senão aceitar, colocando como condição que a incursão de *Saladino* durasse somente um dia e que não se matassem civis.

Gerard de Ridefort com 140 templários preparou-se para enfrentar *Saladino* e seus 7 mil mamelucos. O resultado é fácil de imaginar. Somente *Gerard* e uns poucos cavaleiros conseguiram sobreviver ao massacre. Enfurecido, o caudilho islâmico arrasa *Nazaré*, condenando seus habitantes a escravidão e sitia *Tiberíades*, feudo de *Raymond* e onde se encontravam sua mulher e seus filhos. A certeza de que *Saladino* já não se deterá até as últimas consequências força a reconciliação do conde de *Tripoli* com o rei, enquanto *Ridefort* reorganiza suas forças.

Um exército cristão de 30 mil homens se concentra nas cercanias de *Nazaré*. Conta com 1.200 *templários*. Ante a impotência do rei, *Raymond* e *Ridefort* discutem o que melhor se deve fazer. O conde de *Tripoli* sustenta que não se deve atacar *Saladino*, que sitia *Tiberíades*, ainda que seu nobre gesto possa significar a morte de sua mulher e de seus filhos, que se encontram na cidade sitiada. *Ridefort* o tacha de covarde e insiste que as forças cristãs devem atacar de imediato. Porém é julho de 1187, verão com um calor abrasador, com sua inevitável consequência: a necessidade imperiosa de água deve ser levada em conta. *Raymond* faz ver ao *Grão-Mestre* e ao rei que não existe água na posição que ocupam, nas proximidades de *Tiberíades*, de onde *Saladino* pode facilmente impedir-lhes o acesso ao mais que nunca vital elemento. Porém *Ridefort* continua a chamar-lhe de covarde e, como fatalmente teria que acontecer, o inepto rei dá-lhe razão.

As tropas cristãs avançaram durante todo um interminável dia, mas, ao chegar a noite, não haviam podido alcançar o único poço ao qual podiam ascender antes da chegada do inimigo. Rendidos pelo cansaço e com o fantasma da sede materializando-se perante si, acamparam na colina de *Hattin*. Foram imediatamente sitiados por *Saladino*, que, com pequenos porém contínuos fustigamentos, impediu a saída dos cristãos durante todo um dia. Ao cabo de 24 horas, a sede e o calor haviam decidido a batalha antes que essa começasse.

Raymond de Tripoli e alguns outros conseguiram, numa carga desesperada, romper as fileiras inimigas e fugir, porém o resto do exército cristão caiu em mãos de *Saladino*, incluindo-se o rei de Jerusalém que foi feito prisioneiro. *Reinaldo de Châtillon*, cujas ações haviam colocado em marcha as hostes de *Saladino*, foi decapitado, segundo se afirma, pelo próprio sultão. Aos 230 templários sobreviventes, a quem se ofereceu a possibilidade de salvar suas vidas em câmbio de abjurar o cristianismo, preferiram a morte. Todos os membros da *Ordem* morreram nessa horrorosa jornada, com uma só e mais do que significativa exceção: *Gerard de Ridefort*.

O indigno Grão-Mestre, reduzido a ignominiosa condição de "*arauto*" o "*pregoeiro*" de *Saladino* — sempre se disse, ainda que não ficasse provado, que ele teria abjurado a fé cristã para salvar sua vida — percorreu, por ordem de seu novo amo, as praças que ainda se encontravam em poder dos cristãos, exortando seus defensores a renderem-se.

Todo o reino se desmorona. Perde-se *São João de Acre*, *Gaza* e, após uma resistência heróica de seus defensores, *Ascalon*. O caminho de Jerusalém está livre para *Saladino*. Após uma resistência mais simbólica do que real, a cidade

capitulou em 2 de outubro de 1187. Através das condições de rendição e o pagamento de resgates altíssimos, três colunas de refugiados puderam sair da *Cidade Santa*, mas 16 mil cristãos foram reduzidos a escravidão. O *Templo de Salomão* e o *Templum Domini* foram convertidos nas mesquitas de *Al Aqsa* e *Omar*, respectivamente.

Poderia ter terminado aqui a presença cristã na *Terra Santa*, porém isso não ocorreu. Somente 10 dias transcorridos após o desastre de *Hattin*, o marquês *Conrado de Montferrat* desembarcou em Tiro, uma das pouquíssimas praças que não haviam sido capturadas por *Saladino*. Isso deu um sopro de esperança aos seus desmoralizados defensores. E a partir dali começaria a "*reconquista*". Mas os *templários* decidiram retirar-se de *Tiro* por não aceitarem a presença de *Guy de Lusignan* na cidade. A *Ordem* não queria mais compactuar com o inepto rei de Jerusalém.

A comoção que a perda da *Cidade Santa* produziu na Europa foi tremenda. Logo organizava-se uma nova *Cruzada*, a terceira, desta vez, sob comando do imperador germânico *Frederico Barbaroxa*; de *Felipe Augusto*, rei de França; e, à morte de *Enrique II*, *Ricardo Plantagenet* (Ricardo Coração de Leão), rei da Inglaterra. Este conquistou a ilha de *Chipre*, que vendeu aos *Templários*, mas os cavaleiros, mal recebidos pela população, a entregaram a *Guy de Lusignan*, passando a coroa de Jerusalém, um reino que já não existia, a *Conrado de Montferrat*.

Com *Ricardo* já em *Acre*, os *templários* elegeram, pouco menos de dois após a morte de *Ridefort* naquela mesma cidade, um novo *Gão-Mestre*, Robert de *Sablé*, vassalo do rei da Inglaterra.

Com o decidido e inestimável apoio dos *Templários*, a quem busca aconselhar-se continuamente, o rei *Ricardo* consuma a conquista do *Acre* e reinicia a marcha em direção a *Jerusalém*. Mas eclodem as rivalidades que sempre haviam sombreado as relações entre os reis da *Inglaterra* e *França* e este último decide regressar a *Europa*, deixando só seu aliado.

Ricardo luta bravamente e graças em boa medida ao apoio dos *Templários*, derrota *Saladino* em *Jaffa* e em *Arsuf*. Novamente a sorte se inclinava em favor dos cristãos, porém agora é aberto o enfrentamento entre os barões francos da *Síria*, o que vem a jogar por terra as últimas esperanças de reconquistar *Jerusalém*. Tal é a situação, que *Ricardo* tem que vestir o hábito templário para poder regressar à Europa. Cruzando o Mediterrâneo num barco da *Ordem*. Depois seria encarcerado por longo tempo na *Áustria* antes de voltar para sua terra.

Abandonado por quase todos, mas não pelos *Templários*, *Ricardo* aceitou, antes de deixar a *Terra Santa*, firmar um pacto com *Saladino*. Em troca da autorização para que peregrinos desarmados pudessem chegar a *Jerusalém*, o rei da *Inglaterra* renunciou a suas pretensões de reconquistar a cidade.

Em 1193 morre *Robert de Sablé*, sendo substituído por *Gilbert Erail*. Nesse ano morria também o grande *Saladino* e os cristãos vêem renascer suas esperanças. Em 1192 havia morrido *Conrado de Montferrat*, assassinado em circunstâncias nunca bem aclaradas, e após um breve reinado de *Enrique II* de *Champagne*, o novo rei de *Jerusalém* era *Amaury de Lusignan*, também rei de *Chipre*. Mediante negociações, logra recuperar *Lydda*, *Ramla* e *Sidon*. Nesse tempo de relativa paz, os muçulmanos constroem a inexpugnável fortaleza de *Monte Tabor*, ao passo que os *Templários* se encarregam do recém-erigido *Castelo dos*

Peregrinos, em *Atlit*, cujas ruínas se conservam até hoje. Tratava-se de um complexo capaz de auto abastecer-se de alimentos, água, pescado e até mesmo sal.

Com a morte de *Amaury de Lusignan*, separaram-se os reinos de *Chipre* e *Jerusalém*, restando o primeiro em poder dos *Lusignan* e o segundo sob o mando do competente e ousado *Jean de Brienne*.

O *Papa Inocêncio III* outorga ao *Templo* a independência com respeito a príncipes e dignatários da Igreja, mediante a bula *Omne Datum Optimum*. Reafirma, por outro lado, sua simpatia a *Ordem* destituindo o bispo de *Sidon* que, com falsos pretextos, havia ditado uma interdição contra o *Templo*.

Sob o comando de *Jean de Brienne*, os *Templários* tiveram uma atuação decisiva na tomada de *Damieta*, em 5 de novembro de 1219. Na luta morreu *Guilherme de Chartres*, *Grão-Mestre da Ordem*. A caída dessa importante praça, somada aos primeiros rumores que chegavam a *Palestina* desde os confins do império muçulmano sobre o avassalador avanço de *Gengis Khan*, fez com que o *Sultão Al-Kemil* apresentasse uma proposta incrível a *Jean de Brienne*: *Damieta por Jerusalém*. Em outras palavras, *Palestina* aos cristãos se eles evacuassem o Egito. Intrigas estúpidas, contudo, promovidas ao que parece pelo legado papal, o *Cardeal de Albano*, atrasaram mais e mais as negociações, que teriam significado nada mais do que a recuperação de *Jerusalém* sem o derramamento de uma gota de sangue. Em contrapartida, a cheia do *Nilo* provocou uma epidemia no exército cristão e jogou por terra uma das melhores oportunidades que jamais se havia apresentado ao Ocidente para retornar à Cidade Santa.

Em 1228, o Imperador *Frederico II de Hohenstaufen* desembarcou em *Acre* disposto a iniciar uma *Cruzada* inusitada; uma *Cruzada diplomática*. Ele firmou com o *sultão do Egito* o tratado que o legado papal impedira com suas dilações e recuperou para a cristandade os domínios de *Toron e Sidon* e até mesmo *Jerusalém*, muito embora os lugares santos permanecessem sob controle muçulmano e não pudessem os cristãos reconstruir fortificações na cidade.

O imperador havia sido excomungado pelo *Papa* e esse fato somado a não recuperação dos lugares santos fez com que *Frederico* não contasse com o apoio dos *Templários* que se negaram a assumir os termos tratado firmado com o sultão. Os *Templários* não aceitaram igualmente a "*autocoroação*" de *Frederico II* como *rei de Jerusalém*. Poucos dias depois chegava à *Cidade Santa* o legado papal, que promoveu a reiteração da *excomunhão* do novo rei. Uma revolta popular obrigou *Frederico* a abandonar *Jerusalém* e a *Terra Santa*, culpando os *Templários* por suas desventuras.

Apesar de tudo, graças ao tratado firmado com o sultão do *Egito* e aos convênios entre os *Templários* e o sultão de *Damasco*, a paz era suficiente para que a *Ordem* se reinstalasse em *Jerusalém*. O *Grão-Mestre templário Armand de Périgord* anuncia, em 1244, que depois de mais de meio século, os divinos mistérios voltarão a ser celebrados em *Jerusalém*. Porém, nesse preciso momento histórico, e talvez até mesmo insuflados pelo *sultão do Egito*, surgem as hordas *Khwarismianas*, um povo turco do **Norte**, que avança arrasando tudo à sua passagem. *Jerusalém* é destruída e os lugares santos são saqueados.

Ante o furacão turco, as *Ordens da Terra Santa* esquecem suas diferenças e se unem para enfrentar os invasores em *Gaza*, juntamente com o resto

dos exércitos cristãos. O resultado foi catastrófico. O exército franco foi *aniquilado*; de *348 cavaleiros templários*, sobrevivem apenas *36*; morrendo o *Grão-Mestre Armand de Périgord*. Jerusalém está perdida para sempre.

A Europa, uma vez mais, se agita ante a terrível perda e, em 1244, *Luiz IX*, o futuro *São Luiz*, toma a *Cruz*. Porém o monarca, que decidiu organizar um exército ao qual nada deveria faltar para que a empreitada fosse coroada de êxito, somente atingiu seu primeiro objetivo, *Damieta*, em junho de 1249. Em tão prolongado lapso de tempo, o *sultão Ayub*, do Egito, havia ocupado *Tiberíades e Ascalon*. *Luiz IX* sitiou *Damieta* imaginando que isso duraria meses, senão anos, porém, para sua surpresa, os árabes, após uma heróica resistência inicial, abandonaram a praça dois dias mais tarde, impressionados que ficaram com a visão da impressionante frota comandada pelo monarca francês. Os *Templários*, com seu novo *Grão-Mestre Guilherme de Sonnac* e o *marechal Reinaldo de Vichiers*, cumpriram tão valorosamente sua missão que o rei entregou-lhes a direção de sua vanguarda.

O segundo objetivo dos cruzados era a poderosa *fortaleza de Mansourah*, situada no *delta do rio Nilo*. A ordem do rei era de não atacar até que todo exército estivesse reunido, após haver vadeado riachos e canais, porém o cavaleiro *Roberto de Artois* quis passar a história como único conquistador da fortaleza e desobedecendo as reiteradas advertências do *Grão-Mestre templário*, atacou *Mansourah* sem esperar a chegada do restante do exército. Os *Templários* poderiam ter-se negado a segui-lo, já que a ordem do rei era a de esperar, mas não quiseram contudo deixar *Artois* ir só de encontro à morte.



Figura 9: Pintura representando queima de Jacques de Molay, e o seu irmão, o cavaleiro Godofredo de Chaeney

A débil força se lançou sobre o inimigo que, colhido de surpresa, abandonou a praça, retirando-se desordenadamente. *Roberto de Artois* ordenou a perseguição aos muçulmanos em fuga, produzindo-se então o conhecido diálogo em que o *Grão-Mestre templário* rogou-lhe que não fizesse isso, pois o resultado seria a morte. O orgulhoso francês respondeu-lhe que, se houvessem querido, os *Templários* teriam conquistado muito antes a *Terra Santa*, "*mas que nem haviam querido e nem tampouco eram tão valentes como alguns creiam*"; De *Sonnac* replicou afirmando "*que se tomam por medo o que é só prudência, meus irmãos e eu o acompanharemos, mas sabendo que não voltaremos*".

Saíram a campo aberto e ali foram surpreendidos pelos mamelucos que os obrigaram a retroceder até *Mansourah*, onde foram massacrados. Morreram *Roberto de Artois* e 290 *Templários*.

Animados pelo sucesso, os mamelucos decidiram fustigar o grosso do exército cristão que, nos pântanos do delta, foi logo presa de tifo e disenteria. Quando *Luiz IX* ordenou a retirada para *Damita* encontrou o caminho de regresso bloqueado pelo inimigo. O *Grão-Mestre Guilherme de Sonnac* morreu e o próprio rei, com o que sobrou de seu exército, foi feito prisioneiro.

Libertado mediante o pagamento de resgate altíssimo, *Luiz IX* teve conhecimento das conversações secretas que *Reinaldo de Vichiers*, sucessor do *Grão-Mestre de Sonnac*, havia iniciado com, o *sultão de Damasco*. Obrigou então a de *Vichiers* a humilhar-se publicamente, pedindo perdão de joelhos. Não há dúvida de que *Luiz IX* foi um grande cavaleiro da cristandade, porém esse foi, de fato, um ato de soberba de sua parte. Não mereciam semelhante humilhação os *Templários* que, se lhes houvessem feito caso, teriam conduzido o rei até os lugares santos.

Luiz teve que conformar-se em reconstruir as fortificações de *Sidon*, *Jaffa* e *Cesaréa*, e lograr um princípio de unificação, excessivamente tardio, entre os cristãos do Oriente.

A tantos males, entretanto, se somariam outros mais. A rivalidade comercial das cada vez mais pujantes cidades italianas, em especial Veneza e Gênova, que possuíam grande interesse na Terra Santa. Nesse enfrentamento, os comerciantes italianos lograram arrastar as *Ordens militares*, provocando inclusive uma luta aberta entre *Templários* e *Hospitalários*, utilizando-se vergonhosamente da ajuda muçulmana para combater outros cristãos. Somente em 1270, e devido a enérgica ação de *Luiz IX*, colocou-se fim a essa ignomínia.

O pior já estava feito. Somado às rivalidades das grandes famílias, principalmente as sírias, que utilizavam os *Templários* e os *Hospitalários* para servir a seus interesses particulares, que gerou uma irreversível decadência das *Ordens militares*, faziam a sua aparição os temíveis mongóis.

No Egito, os mamelucos sob o comando do *sultão Baibars* mantinham-se no poder e avançaram em direção a Síria. Diante de tal situação, os barões francos buscaram alianças com os mongóis contra os mamelucos. Mas *Baibars* acabou se apoderando de *Aleppo* e *Damasco*, para depois fazer o mesmo com *Césaréa*, *Jaffa*, *Antióquia* e outras cidades.

Em 1270, *Luiz IX* cruza o Mediterrâneo pela segunda vez e desembarca em *Tunis*, obrigando *Baibars* a suspender suas conquistas para enfrentá-lo. Não chegou a fazê-lo, porque o rei, enfermo, morreria pouco depois de tocar a terra. *Baibars* apoderou-se do *Castelo Branco*, dos *Templários*, e do famoso *Krak* dos

Cavaleiros, pertencente aos *Hospitalários*. Quando o fim das comunidades cristãs do Oriente parecia iminente, o *sultão ascedeu* a uma trégua por dez anos.

Em 1288 reinicia-se o ataque mameluco, com a queda de *Tripoli*. Em 1291, tomando como pretexto o ataque que alguns peregrinos italianos haviam realizado a uma povoação muçulmana, o sultão *Al-Ashraf* sitia *São João de Acre*, com um formidável exército de 220 mil homens. No interior da cidade, *Enrique II*, rei de *Chipre* e também de *Jerusalém*, e os *Grão-Mestres* *Guilherme de Beaujeu*, dos *Templários*, e *Jean de Villiers*, dos *Hospitalários*, tinham sob suas ordens 800 cavaleiros, 12 mil infantess e uma população civil de cerca de 30 mil pessoas.

No dia 5 de abril começou o sitio a última praça cristã em Terra Santa. Na noite de 15, *Guilherme de Beaujeu* saiu da fortaleza com o objetivo de incendiar as máquinas de guerra do inimigo, porém fracassou. Recusando todos os rogos de negociação, *Al-Ashraf* lançou a carga final no dia 18 de maio, logrando penetrar na fortaleza através da chamada *Torre Maldita*. Ali haviam concentrado suas forças os dois *Grão-Mestres* e ali morreu um dos *Templários*. O *marechal dos Hospitalários* morreu nas imediações do porto, dirigindo as operações de evacuação de feridos, mulheres e crianças. *Jean de Villiers*, gravemente ferido, conseguiu sobreviver.

A última resistência ocorreu na *Casa do Templo*. O *marechal Pedro de Sevry* havia assumido o comando após a morte do *Grão-Mestre* e erigiu barricadas para defender com escassos combatentes as mulheres e crianças que ali haviam se refugiado. Inesperadamente, *Al-Ashraf* ofereceu uma capitulação honrosa, que os *Templários* se apressaram em aceitar para salvar, não suas vidas, mas de seus protegidos. Abertas as portas, entraram 100 mamelucos que de imediato atacaram

as mulheres ali reunidas. Indignados, os cavaleiros cerraram as portas e mataram os inimigos.

O pérfido sultão voltou a prometer-lhes uma paz honrosa, porém a condição de que *Pedro de Sevry* se entregasse a ele, o sultão, em sua tenda. Tão logo ali chegou, acompanhado por uma pequena escolta de honra, *Al-Ashraf* ordenou que todos fossem decapitados. Diante de tal felonía, os *Templários* compreenderam que somente poderiam esperar uma morte honrosa.

O último bastião da heróica resistência foi a torre, cuja base havia sido minada pelo sultão, lançando a carga final em 28 de maio de 1291. Os cadáveres de mulheres, crianças, templários e turcos confundiram-se sob os escombros da torre.

Tudo está perdido. Os últimos enclaves cristãos de *Tiro*, *Sidon* e *Tortosa*, são evacuados sem luta. A cristandade havia perdido *Jerusalém* para sempre e os *Templários* se encaminhavam eles próprios em direção ao seu triste fim, que não tardaria em chegar.

Cap. 6: O ÚLTIMO ATO

As profundas diferenças que separam o rei *Felipe, o Belo*, do *Papa Bonifácio VIII*, já há vários anos, aprofundam-se ao máximo quando o monarca designa a *Guillaume de Nogaret*, professor de *Direito em Montpellier*, como conselheiro do reino. *Nogaret* prepara uma lista de 29 acusações contra o pontífice, que incluem desde a dilapidação dos bens da *Igreja* até alianças com o demônio, negação da imortalidade da alma e outras coisas mais. E como se tudo isso não bastasse, no dia 7 de setembro de 1303, em *Agnani*, *Nogaret*, com o apoio da família *Colonna*, inimiga do pontífice, aprisiona-o. Uma revolta popular obriga a liberá-lo de imediato, mas *Bonifácio VIII* não consegue superar a humilhação sofrida e morre um mês mais tarde.

Quem o sucede no trono de *São Pedro* é *Benito XI*, que morre repentinamente em 4 de julho de 1304, exatamente no dia em que iria firmar a excomunhão de *Nogaret*, o que não deixa de ser uma coincidência a ser levada em conta. Reúne-se então o conclave para eleger um novo *Papa* e *Felipe*, aproveitando-se das agudas dissensões existentes ao interior do colégio cardinalício, intriga abertamente em favor do *Arcebispo de Bordeus*, *Bertrand de Got*. Segundo alguns historiadores, teria existido um acordo secreto entre o rei e o futuro *Papa*, na qual este último havia se comprometido a cumprir seis petições de *Felipe*, em troca de seu apoio para conseguir a nomeação. A última petição seria a dissolução da *Ordem do Templo*. Paradoxalmente, nesses anos, as relações de *Felipe* com a *Ordem* são excelentes, tanto que, em 1303, o rei devolveu ao *Templo* a administração do tesouro real e *Hugo de Payraud*, *Grande Visitador de França*,

cargo equivalente ao de inspetor das *Casas da Ordem*, declara que ele e seus irmãos "*defenderão o rei contra todo e qualquer inimigo, incluindo-se o Papa...*".

Em outubro de 1304, o rei concede novos privilégios à *Ordem*, declarando: "*As obras de piedade e misericórdia, da liberalidade magnífica que exerce no mundo inteiro, desde sempre, a santa Ordem do Templo, instituída por inspirações divina; seu valor que leva a velar mais atentamente todavia pela perigosa defesa da Terra Santa, nos obrigam em justiça a dar um favor mais especial a Ordem e seus cavaleiros, pelos quais nos sentimos uma sincera predileção*".

Mais ou menos na mesma época, a *Ordem* empresta ao rei a enorme soma de 500 mil libras, para que este dote a sua irmã, *Blanca*. As necessidades de dinheiro de **Felipe** são constantes e crescentes. Foi ele o primeiro a instituir o sistema de desvalorização ou, mais exatamente, do controle monetário, fazendo subir ou baixar a moeda segundo sua conveniência. Enlacrado em uma guerra com *Flandres*, que significou a primeira derrota para a cavalaria francesa, em *Courtrai* (1302), necessitava arranjar dinheiro em todas as partes, razão pela qual expulsou os judeus da França em 1306, ao passo que seu fiel *Nogaret* se encarregava de embargar os bens dos israelitas. Nesse mesmo ano, as manipulações monetárias de *Felipe, o Belo*, sempre negativas para o seu povo, provocaram um motim em Paris, onde o rei escapou refugiando-se na *Casa do Templo*.

Nesses anos, o *Grão-Mestre da Ordem* era *Jacques de Molay*. Depois de uma operação militar contra o Egito, em 1229, *Molay* organiza uma nova expedição ao Oriente, para fazer valer os direitos dinásticos de *Catalina*, neta do imperador de

Constantinopla e esposa de *Carlos de Valois*, irmão do rei da França, ao trono de Bizâncio. A operação conta com a aprovação do *Papa* e nela tomam parte também os cavaleiros *Hospitalários*. Os *templários* conseguiram um rico botim e os *hospitalários* a Ilha de Rodes, em consequência das vitórias nas lutas contra os príncipes latinos da Grécia.

Ao regressarem, os *Grão-Mestres das duas Ordens*, *Jacques de Molay* e *Jacques de Villaret*, são convocados pelo Papa. O pontífice quer convencê-los da necessidade de fusão de ambas as *Ordens*. A rejeição mais veemente parte do *Grão-Mestre dos Templários*. Na realidade, era *Felipe, o Belo*, o verdadeiro inspirador dessa idéia, pois sonhava unir *Templários e Hospitalários* baixo sua tutela, ou de alguém por ele designado, para assim controlar não só os mais poderosos exércitos da cristandade, mas sobretudo os seus tesouros. Porém, a negativa de *Molay* intimida. Segundo se crê, com razoável fundamento, *Molay*, a exemplos dos *Cavaleiros Teutônicos*, que acabavam de criar um reino ao noroeste da Alemanha, pensava em fazer algo similar em alguma região da França onde maiores eram as possessões da *Ordem*, como, por exemplo, na Provença. Entre outras coisas, isso significava retirar o tesouro *Templário de Paris*.

Há quem sustente que foi essa a razão pela qual *Felipe* decidiu atuar contra a *Ordem*. É dizer, ele estava movido por motivos basicamente econômicos. Em Paris ou Provença, contudo, os *bens templários* eram bens eclesiásticos, protegidos pela *Igreja*, e, portanto, fora do alcance das ambições do rei. Além do mais, a *Ordem* havia alcançado um poder militar e econômico que, na pior das hipóteses, se igualava ao do próprio monarca. Sua condição de ordem religiosa colocava-a sob a dependência direta do *Papa*, o que significava um perigo adicional.

Nogaret, que havia fabricado 29 acusações contra *Bonifácio III*, começou então a "*desenterrar*" acusações contra a *Ordem do Templo*.

Em começos de 1305, surgiram dois denunciadores. O primeiro deles era um italiano chamado *Noffo Dei*, que se dizia ser *templário*, mas que depois descobriu-se estar ligado a *Ordem* somente por manter relações comerciais com ela. O segundo, mais importante, era *Esquieu de Floryan* e havia sido prior de *Monfaucon*. Havendo sido prisioneiro em *Agen*, recolheu as confidências de um *cavaleiro templário*, prisioneiro como ele, que mencionou-lhe as práticas secretas e repugnantes realizadas durante as cerimônias de admissão, que incluíam práticas contra a natureza e cuspidas sobre a cruz. *Floryan* levou suas infâmias ao rei de *Aragon*, *Jaime II*, que não o levou a sério. Ele recorreu então a *Felipe, o Belo*, que não só o escutou como prometeu-lhe uma recompensa. Felipe envia as declarações de *Floryan* a seu bom amigo e primeiro *Papa de Avignon*, *Clemente V*, mas este responde-lhe, em carta datada de 24 de agosto de 1307, que necessita de tempo para estudar o assunto. As acusações são apresentadas pelo inquisidor *Guilherme de Paris*, um dominicano que é confessor de *Felipe, o Belo*. A investigação se limita na realidade ao interrogatório de alguns *templários*, porém o rei se sente autorizado pelo *Papa* e seu fiel *Nogaret* já tem preparada uma boa coleção de testemunhos para a acusação.

O drama vai ter início. Ao amanhecer do dia 13 de outubro de 1307, numa operação policial perfeitamente sincronizada, todos os *templários da França* foram presos e conduzidos em pequenos grupos ao *Louvre*, a abadia de *Saint-Martin-des-Champs*, a de *Santa Genoveva*, a de *Saint Magloire* e a inúmeras residências privadas. Um mês mais tarde, *Jacques de Molay*; o preceptor de *Aquitânia*, *Geoffroy*

de Charnay, e o Visitador de França, Hugo de Payraud, foram transferidos para o castelo de Corbeil.

O rei Felipe, no dia seguinte à detenção dos templários, enviou Nogaret, acompanhado de uma delegação de letrados e de funcionários, a catedral de Notre Dame, para que explicasse às autoridades religiosas e aos professores de Sorbonne "os horríveis crimes cometidos pelos membros da Ordem". "São — disseram eles — lobos disfarçados de cordeiros, que insultaram a religião e crucificaram Cristo pela segunda vez".

O monarca não se limitou a informar apenas a *intelligentzia*. No dia 15 de outubro reuniu o povo nos jardins reais e são os dominicanos da Inquisição quem informam a massa sobre os "crimes" dos templários. Felipe escreve também a todos os príncipes da cristandade relatando-lhes a longa lista de delitos dos templários e exortando-os a seguir seu exemplo.

Enquanto o rei atua com tanta diligência, a *Inquisição* não lhe fica atrás. Entre 19 de outubro e 24 de novembro, 138 cavaleiros são interrogados no *Templo* pelo grande inquisidor *Guilherme de Paris*. Antes haviam passado pelas mãos dos funcionários reais, que os haviam torturado. Trinta e seis cavaleiros morreram em consequência dessas torturas atrozes. Compreende-se então que apenas 3 dos 102 sobreviventes se atreveram a negar os "horríveis crimes" de que eram acusados.

E que crimes eram esses?

"Apostasia, negação da divindade de Cristo e ultrajes a cruz, ritos obscenos, sodomia e idolatria. Em especial esses crimes são cometidos durante a cerimônia de recepção

dos neófitos, a quem se obriga a renegar três vezes a Cristo, pisotear e cuspir na cruz; depois, desnudos, são beijados no ânus, no umbigo e na boca por quem os recebe; se lhes obrigam a prometer que praticarão sodomia se solicitados e que adorarão uma estátua que chamam de Baphomet, levando sempre sobre o corpo uma corda que antes esti-vera depositada sobre o ídolo (...)" — registravam as atas de acusação contra os templários.

Com as três únicas exceções já mencionadas, os acusados se confessaram culpados, na esperança de que a confissão os salvasse da morte na fogueira.

Em fins de outubro, a situação parece melhorar para os *templários*. As cartas enviadas pelo rei *Felipe, o Belo*, pedindo aos príncipes que procedam contra a *Ordem* como ele o fizera, só obtém respostas favoráveis do duque da *Baixa Lorena, o conde de Juliers, e do arcebispo de Colônia*. Ao contrário, o rei de *Aragon* responde-lhe com uma carta onde lhe faz lembrar os serviços que os templários prestaram à coroa e afirma-lhe não crer, em absoluto, nos crimes que são imputados aos cavaleiros. Outros príncipes e prelados respondem no mesmo tom e *Eduardo II*, rei da Inglaterra e, também, genro de *Felipe*, vai mais longe ainda: escreve aos reis de *Aragon, Castelha, Portugal e Sicília* dizendo-lhes que não façam caso das acusações, que ele pessoalmente crê que sejam fruto da perfídia.

O *Papa*, por seu turno, apesar de seus compromissos, existentes ou não, com *Felipe*, reage ante o escândalo que a brutal utilização da tortura provoca na cristandade, enviando uma carta ao rei, em 27 de outubro:

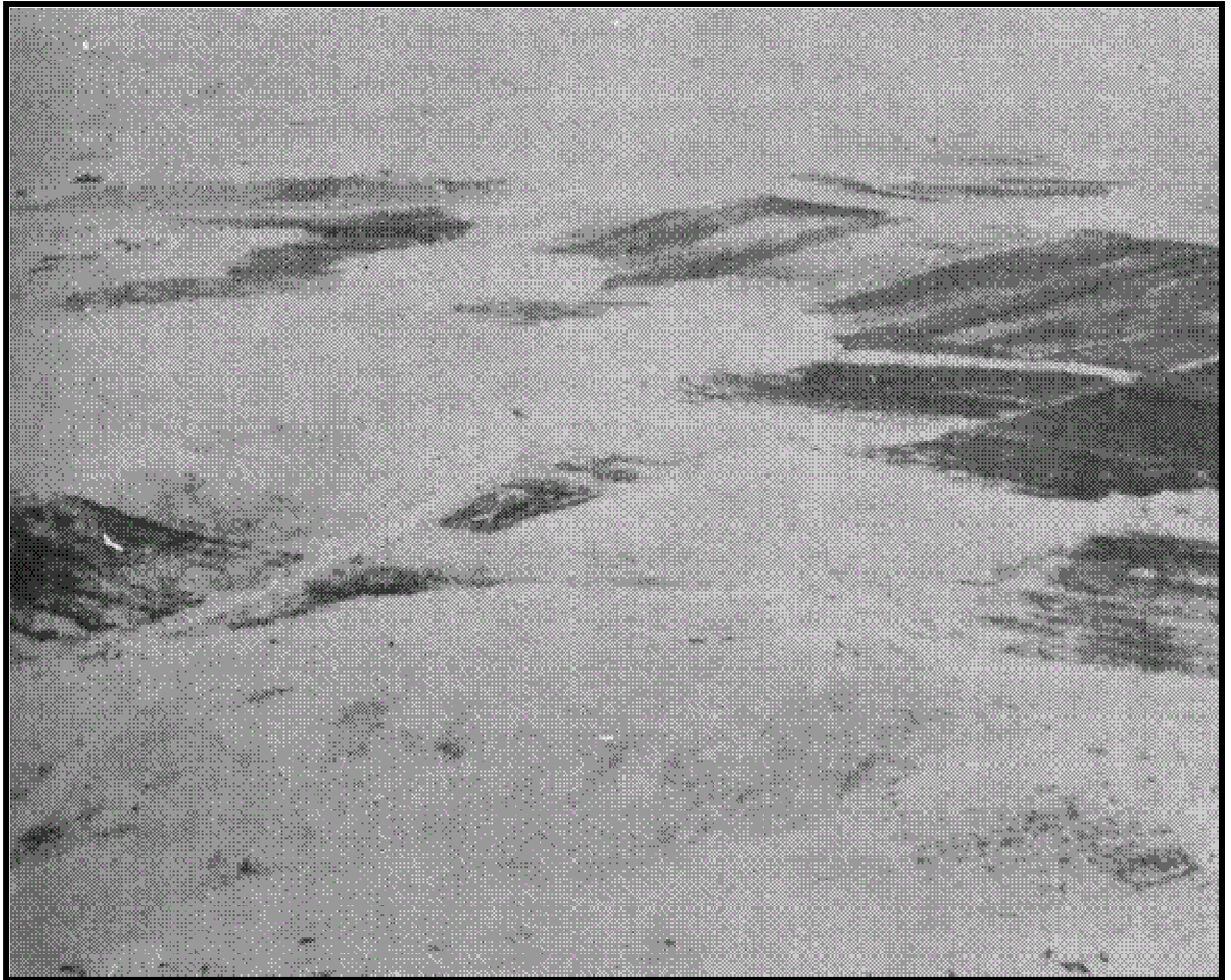


Figura 10: Tegoa, lugar onde ocorreu a primeira batalha dos templários

"Enquanto estávamos longe de vós, haveis estendido a mão sobre suas pessoas e seus bens (dos templários); haveis chegado a encarcerá-lo... E haveis indo mais longe ainda, agregando a dor do cativo outra dor, que, por pudor a Igreja e a nós outros, cremos que é melhor manter em silêncio...".

A referência a tortura é bem clara, como também parecem inequívocas às simpatias do pontífice pelas vítimas. Porém as confissões se sucedem, com outros cavaleiros admitindo os crimes que se lhes acusavam. Todos o fazem de forma quase idêntica. *Jacques de Mollay* é levado a Sorbonne em 24 de outubro, onde, em presença de três *Comendadores da Ordem*, declara que os *templários* haviam chegado a um grau de perversão tal que aqueles que entravam na *Ordem* se lhes obrigava a renegar *Jesus*, a cuspir sobre a cruz e a cometer outros crimes.

Ante a avalanche de confissões e pressionado por *Felipe*, o *Papa Clemente V*, através da bula *Pastoralis Praeeminentiae*, ordena a todos os príncipes da cristandade que detenham a todos os *templários* que se encontram em seus territórios. Decide então abrir um processo eclesiástico e se a *Ordem* for declarada inocente, seus bens serão devolvidos; se não o for, os *templários* serão destinados a defesa da *Terra Santa*. O *Papa* faz mais: envia dois cardeais a Paris exigindo ao rei que lhe entregue os prisioneiros e seus bens. *Felipe* concorda em entregar as pessoas, mas não os bens. No dia anterior a entrega dos prisioneiros aos legados papais, circulam mensagens entre os *templários* cativos, nas quais o *Grão-Mestre* os exorta a retratarem-se de suas confissões, como ele mesmo estava decidido a fazer. Segundo um manuscrito anônimo existente nos arquivos da coroa de *Aragon*, De *Molay*, o *Grão-Mestre*, havia dito aos cardeais: "*Senhores, o que a Inquisição os há*

dito, que eu e meus irmãos templários aqui presentes e muitos outros não confessado, é verdade: todos nós havemos confessado". E de imediato despe-se mostrando seu corpo lacerado e queimado pela tortura aos cardeais. E afirma: "*Vede, senhores, que eles nos não feito dizer o que não querido*".

Provavelmente como consequência direta desse dramático testemunho, *Clemente V* suspende todos os poderes da *Inquisição* na França e assume o assunto dos *templários* integralmente. Mas *Felipe* não estava disposto a aceitá-lo. No dia 2 de março dirige-se a Sorbonne, exigindo que se lhe reconheça o direito de deter e interrogar os *templários*, porém a resposta dos doutores universitários é — lhe adversa: somente um tribunal eclesiástico pode julgá-los, dizem.

Esse fracasso inicial só serve para enfurecer ainda mais o rei. Em 25 de março convoca aos estados gerais, em *Tours*. Repete em termos mais duros ainda os crimes cometidos pelos *templários* e obtém um voto de confiança antes de entrevistar-se com o *Papa*, em Poitiers. *Clemente V* reage com dignidade às ameaças veladas que lhe são dirigidas. E numa resposta óbvia a elas, afirma que está disposto a sofrer o martírio se isso for necessário para a defesa da fé. Exige que se lhe apresentem provas da culpabilidade dos *templários*.

Em resposta a exigência papal sobre a apresentação de provas, nos últimos dias de junho comparecem ante ele 72 prisioneiros que testemunham abertamente contra a *Ordem*. Mas entre os prisioneiros entregues pelo rei ao *Papa* não se encontra nenhum dignatário, apenas sargentos em sua maioria que haviam deixado a *Ordem* e testemunharam contra ela antes da prisão de seus membros.

Como *Clemente V* se havia reservado o direito de interrogar pessoalmente os mais altos dignatários, diz-se-lhe que *Mollay*, *Payraud* e outros

chefes encontram-se enfermos e não podem ser trasladados de *Chinon*, onde se encontram presos. O Papa, ele próprio doente, envia a *Chinon* três cardeais, dois dos quais são parentes do rei de França. Os legados interrogam os templários, porém devem fazê-lo na presença de *Nogaret*. Segundo as atas, os acusados ratificaram suas declarações anteriores. É dizer, reiteraram sua culpabilidade.

Numa nova demonstração de dignidade e independência, *Clemente V* nega-se a condenar os *templários*, como exigia Felipe. Sustenta que os que não confessado também demonstraram seu arrependimento, pelo que devem ser considerados como "*reconciliados*" e, portanto, perdoados. Felipe ignorou essa recomendação e aumentou as pressões sobre o *Papa*, que a partir de então seria um instrumento dócil em suas mãos. *Clemente* acabou por reconduzir o grande inquisidor de *Paris*, *Guilhermo*, devolvendo os poderes a *Inquisição* e no que concerne ao processo contra os *templários* adota uma medida digna de *Pilatos*: reitera que os *templários* devem ser julgados por tribunais eclesiásticos, para o qual ordena que se forme uma comissão de cada diocese sob a autoridade pessoal de seu titular. Porém, por outro lado, aceita que os prisioneiros restem sob a autoridade real, com o que acaba de destruir as últimas possibilidades de que se faça uma justiça autêntica.

Nos primeiros dias de agosto de 1309 tem início em Paris as primeiras sessões da primeira comissão eclesiástica da França. Ela é integrada pelo arcebispo de *Narbona* e pelos bispos de *Bayone*, *Mende*, *Limoges* e quatro outros prelados. Quase todos são homens do rei. A função atribuída a comissão eclesiástica é a de investigar sobre a *culpabilidade ou inocência do Templo*, devendo escutar a tantos quanto queiram declarar a favor ou contra, considerando-os porém sempre como testemunhas e não como acusados. Um dominicano, Pierre de la Palu, declara a

comissão que ele havia presenciado inúmeros interrogatórios, em alguns dos quais os acusados haviam admitido seus crimes e em outros, os haviam negado, e que opinava que são mais dignas de crédito as negações que os assentimentos. A resistência entre os templários começa a ganhar corpo. Em *Clermont*, 29 cavaleiros retratam-se de suas confissões arrancadas sob torturas e proclamam sua inocência. O Comendador de *Epailly*, *Laurent de Beaunne*, denuncia as pressões a que foram submetidos os templários que haviam confessado suas culpas perante a comissão de *Sens*.

Por fim, os templários prisioneiros, 546 em março de 1310, elegem quatro advogados para que organizem a defesa coletiva da *Ordem* e de seus membros. Os advogados, *Pierre de Bologna*, preceptor da *Ordem*, *Reinaldo de Provins*, *Guilherme de Chambonnet* e *Bertrand de Sartigues*, elaboram um documento que é lido pelo primeiro no dia 1º de abril ante a comissão eclesiástica:

"Se os irmãos do Templo hão dito, dizem ou disseram no porvenir, no caso de estar em prisão, o que fora, por sua conta ou por conta da Ordem do Templo, isso não acarreta prejuízo a Ordem citada porque é notório que falaram obrigados, empurrados ou corrompidos pelas pregarias, pelo dinheiro ou temor; e eles asseguram que o provarão em tempo e lugar quando desfrutem de plena liberdade...Pedem, suplicam, requerem que cada vez que os fatos forem examinados nenhum leigo esteja presente ou possa escutá-los, nem nenhuma outra pessoa que cuja honestidade possa duvidar-se com razão".

Depois de mencionarem as horríveis torturas a que foram submetidos os templários, os advogados se declaram assombrados com que se dê mais crédito aos que para evitá-las não confessado o que lhes obrigou a confessar, que a quem "*como mártires de Cristo, morreram nas torturas para sustentar a verdade*". E encerram destacando o fato de que, fora da França, "*nenhum templário disse ou sustentou as mentiras proferidas contra a Ordem*".

Um mês depois dessa apresentação, são 576 os templários que se unem para a sua defesa e da *Ordem*, apelando ao Papa para que interceda por eles. A opinião pública, apesar dos esforços do *rei Felipe* e seus asseclas, se inclina cada vez mais em favor dos templários, o que não deixa de inquietar o monarca. A opinião pública, principalmente o povo de Paris, tem motivos de sobra para essa mudança. A cada dia vê passar o triste cortejo de templários feridos, apoiando-se uns nos outros, com seus hábitos dilacerados e manchados de sangue, sair das masmorras e atravessar o Sena para prestar declarações no palácio episcopal.

Tudo isso precipita a tragédia final. Um fato casual favorece os desígnios do rei: por morte de seu titular, fica vago o *arcebispado de Sens*, lugar onde são realizadas as sessões. Felipe manobra ante *Clemente V* para obrigá-lo a designar para o posto a *Felipe de Marigny*, irmão de seu superintendente de Finanças e um de seus seguidores incondicionais.

Inteirados que no dia seguinte será convocado um concílio, os quatro defensores do Templo, temendo o pior, dirigem-se, em 10 de maio de 1310, aos membros da comissão rogando-lhes que supliquem ao novo arcebispo que não tome nenhuma decisão até que as investigações estejam concluídas. Os membros prometem fazê-lo, mas o *arcebispo de Narbona*, que de todos é o que mais

influência tem, anuncia que não intervirá na gestão. O arcebispo de *Marigny*, revelando-se como fiel servidor de seu amo, o rei Felipe, não perde tempo. Tal como havia anunciado, no dia seguinte, 11 de maio, convoca o concílio e nesse mesmo dia condena à morte 54 templários como "*relapsos*", já que haviam retificado suas confissões anteriores, proclamando sua inocência. No dia seguinte foram tidão e proclama a inocência da *Ordem* a viva voz. É seguido por *Godofredo de Charnay* que também insiste na inocência do *Templo*. A multidão se agita em favor dos *templários* e vozes começam a se ouvir pedindo a sua imediata libertação. Os cardeais, impressionados, confiam os prisioneiros a guarda e se retiram para deliberar. *Felipe, o rei*, não espera o final das deliberações. Sem pedir opinião a autoridade temporal ou espiritual, decide que *Mollay e Charnay* são "*hereges e relapsos*" e que por isso devem ser levados à fogueira. Nessa mesma noite duas piras ardem nos jardins do palácio e a elas são levados, amarrados de pés e mão sobre uma carreta os dois condenados. "*Rogo-lhes, senhores — pediu Mollay a seus verdugos — que volvais minha face em direção a Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo*". E com a vista fixa sobre Notre Dame, como Charnay, deixou que as chamas envolvessem seu corpo com uma tranquilidade de espírito e um valor que comoveram a multidão. Fora da França, a sorte da *Ordem* foi melhor. Na Espanha os *templários* decidiram encerrar-se em suas fortalezas e resistir até que recebessem garantias de serem julgados com isenção. Para julgá-los, reuniu-se o concílio de *Salamanca* que em 21 de outubro de 1310 declara unanimemente que os acusados de Castella, de Leon e de Portugal são, em absoluto, inocentes de todas as acusações que lhes foram feitas. Em 1312 reúne-se o concílio de *Tarragona* que, como o anterior, proclama a *inocência da Ordem*. Mas atacam a *ordem papal e ordem a dissolução da Ordem*. A maioria dos cavaleiros, que não foram molestados,

ingressam na *Ordem de Calatrava*, nas dos *Hospitalários* ou na de *Montesa*, que haviam sido criadas no *reino de Valência*, utilizando as propriedades templárias. Em Portugal, os templários ingressam majoritariamente na *Ordem da Milícia de Cristo* ou *Ordem de Cristo*, que existe até hoje.

Na Inglaterra, o *rei Eduardo II*, que não concordara com as ações de seu sogro Felipe, ordena, em 1307, uma investigação cujo resultado proclama a inocência dos *templários*. Não obstante, o rei acata a bula papal de 27 de novembro e ordena a prisão de todos os membros da ordem e o confisco de seus bens. Os inquisidores papais chegam a Inglaterra em 1309 e defrontam-se com a impossibilidade de utilizar em seus interrogatórios, o que está proibido por lei. As sessões se arrastam por 18 meses, tempo em que o Grão-Mestre William de La More morre na Torre de Londres. Não se obtém provas sobre a culpabilidade dos acusados e eles são libertados após sofrerem 28 meses de prisão. Na Inglaterra, Escócia e Irlanda os *templários* distribuíram-se entre a *Ordem dos Hospitaleiros*, *diversos monastérios e abadias*.

No resto da Europa, a sorte dos *templários* depende dos príncipes da terra. Alguns foram condenados na *Alemanha* e na *Itália*, porém a maioria restou em liberdade para integrar-se em outras ordens, no clero secular ou então retomar a vida mundana. Em Chipre, finalmente, *Amaury*, *partidário dos templários* e irmão do *rei Enrique*, *encarcera-o e protege a Ordem*. Porém é assassinado em 1310 e os partidários do rei prendem os *cavaleiros, que são julgados e condenados em Famagusta*.

Tudo isso, entretanto, não encerrou em definitivo a história da *Ordem do Templo*. A sua mística permaneceu viva através dos séculos, tão viva que hoje, seis

séculos e meio das fogueiras de Notre Dame, palpita indubitavelmente no corpo e no espírito da maçonaria.

Cap. 7: OS MISTÉRIOS DO TEMPLO

Muito já se escreveu em torno do assunto, mas as explicações e teorias apresentadas pelos historiadores e estudiosos dos Templários não agregaram nada de verdadeiramente substancial para o estabelecimento dos verdadeiros objetivos dos *pobres cavaleiros de Cristo*. Eles possuíram, de fato, uma história secreta que está por ser desvendada.

Parece evidente que *Hugo de Payens* e seu punho de companheiros não ambicionavam outra coisa que proteger os peregrinos que iam à Terra Santa. Não há dúvidas também quanto às limitações materiais que enfrentaram nesse período inicial e, sem embargo, trinta ou quarenta anos depois já haviam erigido os fundamentos de um império admirável: 30 mil guerreiros, uma poderosa frota, portos próprios, grandes possessões territoriais, magníficos castelos e fortaleza...sem deixar de anotar, naturalmente, a fabulosa fortuna da Ordem que a fazia credora, entre outras coisas, de reis e príncipes.

Não se pode atribuir esse fabuloso amedramento a cobiça dos templários, homens que viviam em extrema pobreza e humildade, a ponto mesmo de, quando morriam, serem enterrados despojados até mesmo de um simples ataúde. Então, é de se indagar, se não era a cobiça o que os movia, o que buscavam os *templários*?

Para muitos autores, o objetivo dos cavaleiros era, sem mais nem menos, o estabelecimento de um governo universal baseado na fraternidade e na igualdade. E não havia nada de utópico nessa sua admirável pretensão, se é que de fato ela existiu. Se os *templários* o quisessem, o teriam conseguido. À sua época, reitere-se,

soberano ocidental nenhum contava com um exército tão bem preparado e aguerrido como o seu. Nenhum soberano, igualmente, contaria com os recursos materiais à disposição dos *templários*, assim como as suas praças-fortes, fortalezas, barcos e homens distribuídos organizadamente por toda a cristandade. Porque não o intentaram e permitiram que as manobras do pérfido rei Felipe, o Belo, provocassem a *dissolução da Ordem*, é outra pergunta que ainda resta sem resposta.

Hugo de Payens, com seus 8 companheiros, fundou a *Ordem do Templo* em 1118 e apenas 9 anos mais tarde, 1127, reunia-se o *Concílio de Troyes* para dar-lhes uma regra e estabelecer seus privilégios, excepcionalmente importantes. Menos de meio século mais tarde, a *Ordem* estendia-se por toda a cristandade, com fortalezas e possessões desde a Terra Santa, até a Irlanda, com uma administração eficiente e empregando técnicas comerciais até então desconhecidas. Para a mente mais racionalista, ainda assim é difícil imaginar como um grupo de cavaleiros, que sabiam mais das artes de guerra do que de cultura e sabedoria, propriamente, pudesse erigir semelhante império religioso – comercial - militar.

Bernardo de Clairvaux, certamente, terá muito a haver com isso. Não só era um homem culto, um dos mais cultos da Igreja, senão que sua cultura abrangia antigas tradições celtas, que tanta influência acabaram exercendo no mundo ocidental. Devemos mencionar o fato da fundação da abadia beneditina de *Gladstonbury*, na ilha de *Avalon*, entre o País de Gales e a Cornualha, a mesma que, mil anos antes de Cristo, estiveram estabelecidas importantes comunidades druidas e onde, também, segundo afirma a tradição, foram encontrados os restos do *rei Artur*. É de se supor então que os monges tenham absorvido em boa medida os conhecimentos e até mesmo algumas das crenças celtas. Isso não chega a ser

surpreendente quando se sabe que os druidas possuíam importantes pontos de convergência com o cristianismo: acreditavam na existência de uma *Trindade*, rendiam culto a uma *Virgem negra* e imaginavam um mundo onde os homens fossem livres para salvar-se ou condenar-se. Quanto aos *templários*, eles terão na realidade se convertido no receptáculo dos conhecimentos transmitidos pelo *Islão ao Cristianismo*, no século XII. É indubitável que foi neste mesmo século XII que produziu-se na Terra Santa, via *templários, muçulmanos e também judeus*, o encontro entre os iniciados do Ocidente e do Oriente.

Fundamentalmente, os *templários* estabeleceram os seus contatos de natureza iniciática com a conhecida seita dos assassinos. O nome da seita deriva não só de seus métodos brutais — matavam os seus inimigos sem o menor escrúpulo — mas sobretudo o uso do *hashishe*, droga que ingeriam ou aspiravam para aumentar seu valor na luta. O que não chega a ser tão conhecido é que a palavra, possivelmente, será o plural do termo árabe Assas, que significa guardião.

A seita, ou *Ordem*, tinha missão proteger a Terra Santa, considerada por ela como centro do mundo espiritual, a montanha mística, o que explica o fato dos ocidentais haverem interpretado o nome de seu chefe como o velho da montanha, em uma tradução não de todo incorreta do original *Sheik ei Djebel*. Não podemos nos esquecer, todavia, que a palavra sheik muito embora significando "*velho*" ao designar pessoa digna de respeito, também pode ser traduzida como mestre. Assim, a designação mais correta do chefe dos Assassinos seria "*Mestre da Montanha Espiritual*".

Os assassinos são *ismaelitas*, grupo islâmico que toma seu nome e Ismael, filho do sexto *Imã Djafar*, quem primeiro o nomeou seu sucessor para depois

se retratar, designando outro de seus filhos. Os *chutas* ou *fatimitas*, partidários da linha dinástica de *Fátima*, filha do profeta e esposa de *Ali*, reconheceram *Ismael* como o legítimo *Imã*, sustentando que era ele quem realmente descendia de *Ali* por seu pai e sua mãe, ao passo que o irmão elegido por *Djafar* somente descendia por um dos troncos. Por tal motivo, os *ismaelitas* renunciaram ao princípio hereditário, adotando o eletivo para os sucessores de *Ismael*. Porém, importante distinção, o futuro *Imã* não seria votado, mas sim reconhecido. Seria eleito quem possuísse misteriosos sinais que o identificassem como assinalado por Deus, de cuja infalibilidade e sabedoria seria partícipe.

Perseguidos pelos sunitas, representantes da ortodoxia islâmica, os *ismaelitas* tiveram que organizar-se secretamente. No século IX, um *Imã* excepcional, *Abdallah ben Maimum (Maimum)*, elaborou todo um corpo de doutrina, apartando seus seguidores da *ortodoxia*, criando uma verdadeira *doutrina sincrética*, composta por princípios *filosóficos gregos*, *sabedoria gnóstica* e *cristana* (esta tomada aos *nestorianos*) e com influência também da *Cabala judia*.

Para os *ismaelitas*, *Deus era incognoscível* e se manifestava aos homens como a *Razão Universal*, da qual surge a Ciência; esta, por sua vez, cria a *Alma Universal*, da qual emana a *Vida*, a *Matéria Universal*, o *Espaço* e o *Tempo*. *Irradiações da Alma Universal* são os seres vivos, em especial o homem, que tende a elevar-se a ela. Ao final dos tempos, *Alma* e *Matéria*, junto com a *Razão*, ingressam ao seio de Deus.

Porém para que isso se produza, devemos adquirir a ciência que foi transmitida pelos sete profetas: *Adão*, *Noé*, *Abraão*, *Moisés*, *Jesus*, *Mahoma* e *Mohammed*, filho este último do sétimo *Imã*, *Ismael*. Cada um deles teve 7 *Imãs* (ou

Imanes) e 7 são também os degraus de sabedoria que devem ser alcançados por seus adeptos. *Hassan Sabah*, vizir do sultão de *Ispahan*, e um dos homens mais cultos de seu tempo, afastou-se da ortodoxia, atraído pela *doutrina ismaelita*, o que lhe valeu o ódio e a perseguição por parte de seus antigos confrades. Ao final do século XII, com um grupo de entusiasmados seguidores, refugiou-se na *montanha de Alamut*, onde erigiu uma cidadela poderosamente defendida. Assim nasceram os *Assassinos*, uma *Ordem religiosa e guerreira cuja similitude com a Templária* salta a vista.

A organização de ambas as *Ordens* é tão idêntica que fica difícil acreditar que isso seja fruto de coincidência apenas. Idêntico é o grau de autoridade que detinham o *Grão-Mestre templário* e o *Mestre da Montanha*. Descendendo em escala hierárquica, os *Grandes Piores* se correspondem exatamente com os *Grandes Emissários ismaelitas*; os *cavaleiros com os refiks* (companheiros, irmãos); os *escudeiros com os fedaquis* (devotos) e assim sucessivamente. E mais: os cavaleiros de ambas as Ordens vestiam-se com túnicas brancas.

As relações entre os templários e os assassinos estão mais do que comprovadas historicamente. Em várias ocasiões, a *Ordem* atuou como intermediária nas relações entre senhores *cristãos* e o *Sheik* ou seus comandantes. Boa prova disso foi a decisiva intervenção do *Templo* na proposta de troca de *Tiro por Damasco*, convencendo assim ao rei *Balduino II* para que a realizasse.

Houve também, e como se poderia negar isso, o intercâmbio de idéias entre as duas *Ordens*, como prová-lo é outra história. Sabe-se, entretanto, que muitos templários visitaram a *casa reitora dos ismaelitas*, localizada no *Cairo* e que tinha o sugestivo nome de "*Casa da Sabedoria*" (*Dar ul Hikmet*). Esse grande

edifício, situado junto ao palácio real, abrigava o ensino da *Álgebra*, *Geometria*, *Astronomia*, entre outras matérias, ao mesmo tempo em que colocava em relevo as contradições existentes entre a *ciência* e a *religião ortodoxa*.

Esse era o chamado ensino visível, já que na instituição os iniciados eram instruídos nos segredos gnósticos, ao que se supõe alguns *cavaleiros templários* visitantes tenham tido acesso.

As duas *Ordens* tinham muitos pontos em comum no que concerne ao *exotérico* e, segundo afirma Michelet em seu famoso livro *Le Secret de la Chavaleria*, isso ocorria "*porque ambas instituições haviam sido erigidas sobre as mesmas doutrinas secretas, sobre um esoterismo único e invariável, que existe através do mundo sob diferentes véus, como a luz única, através do prisma, que se decompõe em raios multicoloridos*".

Bernardo de Clairvaux, São Bernardo, foi, indubitavelmente, o "*guia espiritual*" da *Ordem do Templo*. E como tal, é lógico que transmitisse aos seus "*guiados*" os conhecimentos de sua própria *Ordem*; entre eles, e num lugar preferencial, a construção de igrejas. Para os *beneditinos*, à diferença dos *construtores leigos* que passavam os seus conhecimentos — ou segredos — de geração em geração, toda a verdade arquitetônica estava contida na *Bíblia*. *Deus a havia revelado a Salomão*, para que construísse o *Templo*. Nele, naturalmente, se iria *honrar o Senhor*; mais ainda, iria ser a sua casa, mas isso não era tudo. O *Templo iria abrigar a Arca da Aliança*, o cofre que continha as *Tábuas da Lei*, entregues pelo mesmo *Deus a Moisés*, no *Monte Sinai*, como testemunho material da *Aliança entre o Criados e seu povo*. As tábuas continham a explicação de todo o

criado, e quem as possuísse, além de estar em íntima *união com Deus*, e, portanto, ser invencível, poderia alcançar a sabedoria total.

Segundo nos explica a Bíblia, *José levou a Arca à Terra Santa*, antes da chegada dos judeus; arrebatada a estes pelos filisteus, foi reconquistada por Davi, quem a levou a *Jerusalém e Salomão*, seguindo as *instruções do Senhor*, construiu para ela o *Templo*. A partir desse momento cessam as referências explícitas a *Arca*. No século VI A.C., Nabucodonosor, rei da Babilônia, conquistou Jerusalém e destruiu o *Templo*. Não existem indicações de que se tenha apoderado da *Arca*. Mais possível é que tivesse caído nas mãos dos árabes. Isso explicaria o notável desenvolvimento islâmico e, especialmente, seus notáveis conhecimentos arquitetônicos e científicos em geral.

Como em tudo que é esotérico, nenhuma prova tangível relaciona os *templários com a Arca*, exceto a coincidência física de sua residência no primeiro *Templo* e a *construção das catedrais* depois.

Louis Charpentier, no seu livro *Les Misteres templiers* (Robert Laffont, Paris, 1967), apresenta-nos uma teoria nada negligenciável: segundo ela, os primeiros fundadores da *Ordem*, *Hugo de Payens e seu tio, André de Montbard*, foram enviados a Jerusalém por *Bernardo de Clairvaux*, não com a finalidade de proteger os peregrinos cristãos, mas sim de encontrar e trazer para a *Europa a Arca da Aliança*. Esse encontro e essa posse era o sonho de todos os sábios desde a mais remota antigüidade, já que significava nada menos do que a posse da ciência total.

Em apoio a teoria de Charpentier, há que se reconhecer que, entre 1118 e 1127, data de seu regresso à Europa e do *Concílio de Troyes*, pouco ou nada se

sabe dos "*Pobres Cavaleiros de Cristo*". Não participavam das campanhas empreendidas durante esses anos por *Balduino II*, rei de Jerusalém e resulta difícil imaginar que tivessem reduzido sua ação de proteção aos peregrinos cristãos precisamente numa década em que o acesso à Cidade Santa esteve mais franqueado do que nunca. Por outro lado, já estavam instalados no *Templo* e tinham a sua disposição as imensas *cavaleriças subterrâneas de Salomão*, que se mantinham intactas e nas quais, conta um cronista da época, podiam abrigar "*mais de mil camelos e mil e quinhentos cavalos*". Indubitavelmente, um bom lugar para ocultar a *Arca* ante a iminência de uma invasão. A de *Nabucodonosor*, por exemplo...

Mas, teriam os templários encontrado a *Arca da Aliança*? *Louis Charpentier* crê que sim e novamente apresenta-nos um argumento que não pode ser desdenhado. Ele se refere a maneira pela qual *Hugo de Payens* e seus companheiros foram recebidos na Europa quando regressaram, no ano de 1127. E realmente, os atos dos cavaleiros não justificavam de maneira alguma o tratamento que se lhes foi dispensado por parte dos reis, nobres e, em primeiro lugar, do *Papa* mesmo. Proteger peregrinos não parece mérito suficiente que justifique a convocação de um concílio para fixar deveres e privilégios da *Ordem*.

Porém, há algo mais: é entre 1130 e 1180 que tem início a construção massiva de igrejas góticas no Ocidente. A "*coincidência*" é por demais evidente para crer-se que assim o seja. Mais lógico é supor que novas fórmulas arquitetônicas, revolucionárias, sem dúvida, houvessem chegado à Europa.

Segundo demonstrou o mesmo *Charpentier*, as dimensões e proporções da *catedral de Chartres* supõem um conhecimento das *medidas da Terra*, algo que

nem remotamente existia na época em que foi construída. Também, e isso é de conhecimento geral, os construtores das pirâmides do Egito possuíam esses conhecimentos...

No portal norte de *Chartres*, que é curiosamente chamado de Portal dos Iniciados, existem duas colunetas. Uma mostra a *arca transportada por dois bois*; a outra, a *arca que um homem recobre com um véu*, próximo a um monte de cadáveres, entre os quais se destaca o de um cavaleiro coberto com uma cota de malha, com a seguinte legenda: *Hic amittitur Archa ceder is*.

Em suma, não existem provas de que os templários tenham encontrado a Arca da Aliança, porém há um acúmulo de fatos que poderiam abonar essa tese, em especial a incrivelmente rápida ascensão da *Ordem do Templo*, de um pequeno grupo de obscuros cavaleiros, à primazia entre as *Ordens cavaleirescas* e também religiosas e, acima de tudo, a construção das catedrais. Sem qualquer dúvida, podemos, por sinal, classificar a arquitetura templária como uma arquitetura iniciática, de fato. O primeiro ponto que nos chama a atenção quando observamos as construções religiosas templárias é a existência de dois estilos totalmente diversos. Por um lado, temos as capelas retangulares, que são a maioria, ao passo que, em número mais escasso, as igrejas octogonais.

"Quem poderia ter outorgado aos cavaleiros o gosto pelas igrejas de planos inusitados e, ainda assim, tão estéticas?", indaga Probst-Biraben em seu "*Mistérios Templários*" (Dédalo, Buenos Aires, 1976) e prossegue: "*Quem lhes fez construir a rotunda da capela do Templo em Paris com a forma interior igual ao Selo de Salomão? Por que levantaram igrejas fortificadas de aparência árabe no exterior, com tronos orientais e cuja disposição é octogonal?*".



Figura 11: Felipe, o Belo, assim como o Papa Clemente V, morreram segundo a lenda pela maldição do último grão mestre templário

Para Probst Biraben, *"a decoração pode variar à geometria; os princípios herméticos são imutáveis. O monumento, seja de linhas de curvas ou retas é, sobretudo se tradicional, uma imagem reduzida do universo, razão pela qual antes estava sempre orientado, fora ou não religioso. Os judeus, os cristãos e os muçulmanos têm um Oriente ritual, Misrach ou Quibla, ao qual se voltam em suas pregações. Todos os templos e lugares de assembléia da Europa e do Levante e também da Ásia Menor estavam voltados em direção ao Este (ou o Sudeste para o Islão), direção de onde provém a luz e o Conhecimento "*.

"As cúpulas, que passam do quadrado, símbolo do quartenário dos elementos, ao triângulo da Trindade e as Tríades pelas trompas, e, finalmente, ao domo, símbolo do Único divino, não foram construídas assim por simples motivos técnicos, senão intencionalmente. No tempo dos templários elas surgiram primeiro na Capadócia e nas ilhas do mar Egeu, antes de serem propagadas entre nós. Se diz geralmente que foram os monges que regressavam da Terra Santa quem as importavam; porém trabalhos recentes demonstram que foram introduzidas na Itália e França por confrarias de construtores, entre as quais havia albanises e talhadores de pedra, acostumados às formas tanto cristãs como muçulmanas que se utilizavam no Oriente (...)"

Enfim, mais do que conclui *Probst-Beriben*, os *templos circulares* por dentro e *octogonais* por fora contém, sem dúvida, uma mensagem, além de haverem sido locais de iniciação. O sentido dessa mensagem resta ainda por ser decifrado.

Não poderíamos, por último, deixar de abordar nesse capítulo o aspecto extremamente hermético da ordem. Além da conhecida recepção, similar a de outras confrarias iniciáticas, sabe-se que os templários possuíam diversos graus de iniciação. O que se ignora, com certeza, ainda que seja possível deduzir-se, se havia graus progressivos, como na maçonaria; mas que, se houveram, eles estavam referidos aos irmãos selecionados para ascender aos arcanos.

Não é todavia a pedra das igrejas, mas sim a pedra dos calabouços de *Chinon*, que lançam alguma luz sobre os aspectos *herméticos da Ordem*. Por exemplo, a existência de uma numerologia esotérica, superposta, muito inteligente, a que os templários usavam em suas operações financeiras. A existência dessa numerologia está provada pelos números tradicionais de pontos gravados nas paredes sombrias de *Chinon*, pela identidade das figuras e pelas ferramentas simbólicas.

A *numerologia templária* não ocupou lugar relevante na *Ordem* e não é fácil, portanto, rastrear de onde a obtiveram, já que não se hão provado antecedentes pitagóricos. É muito mais possível, então, que tivessem chegado até eles através dos árabes ou, mais ainda, da *Cabala judia*. Isso, que vale para a numerologia, vale também para a arquitetura hermética ou iniciática. Formam parte de um *hermetismo cristão* que chegou a eles desde o mais profundo da antigüidade, com o *mundo árabe como ponto de enlace*.

A forma octogonal das igrejas templárias era utilizada por algumas irmandades obreiras, especialmente inglesas, antes do século XII. Isso explicaria o fato de que outras *Ordens* religiosas houvessem utilizado o octógono na Inglaterra. O *hermetismo cristão* atribui ao número 8 o sentido da *regeneração*. Os *templários* o usaram, além de em *suas igrejas, na heráldica, nos graffitti* e, muito especialmente, na *Cruz das 8 Beatitudes*, que era a chave de seu alfabeto secreto, que pode ser inscrito num octógono.

Alguns autores, como o próprio *Probst-Beriben*, estudaram a *cruz templária* encontrando nela símbolos pertencentes a *simbologia cristã* e que não se contradizem com outras *simbologias*. A *cruz templária* contém os 4 *elementos*, como a tradicional, os 4 evangelistas, as 4 grandes virtudes, as 4 estações, as 4 letras do grande nome: *Iod Hé Vav Hé*, e a disposição de forças construtivas em um ponto central, com seus 4 *triângulos nos cimos convergentes*. Sua cor, *vermelho e gaulês*, é a *cor do fogo e da ação*, tanto nas *doutrinas herméticas ocidentais* como nas *muçulmanas*.

Havia entre os *graffitti templários* um *Selo de Salomão*, claro indício de que, em tão tristes momentos, como os vividos na *prisão de Chinon*, os *cavaleiros* não haviam renunciado a sua grande missão de reconstruir simbolicamente o Templo.

Segundo *Viollet le Duc*, grande estudioso da arquitetura iniciática e possivelmente ele próprio um iniciado, a rotunda do *Templo de Paris*, que tinha interiormente 6 *pilares* e exteriormente 12, somente podia ser obtida através de dois *triângulos equiláteros* que se penetravam. *Le Duc* considerava esse triângulo como um dos símbolos templários.

Por outro lado, o simbolismo das cores é um dos mais universalmente conhecidos e utilizados em todos os grupos iniciáticos. O *simbolismo das cores templárias* é absolutamente concordante com o da *Tradição Única e Universal*, como pode constatar-se nas cores de seu *estandarte Bauceant* e nas roupas de todos os integrantes da *Ordem*. Os *mantos dos cavaleiros são brancos*, como os dos sarracenos, enquanto que os membros das hierarquias inferiores os usam em outras cores, coisa que também ocorre em muitas irmandades árabes.

O *cordão dos templários* não tem nós, o que indica que se trata de um laço de amor. Os membros dos *tarug* árabes também os utilizam, ainda que com nós. Este *símbolo*, além de ser de uso freqüente em algumas *Ordens religiosas e católicas*, é muito comum entre os grupos iniciáticos hindus e de outras partes da Ásia. Os nós, por outro lado, possuem significações distintas, porém o cordão ou cinturão, tem um muito preciso: é o *símbolo da união total e perfeita (círculo)* com a *Ordem ou irmandade* a qual pertence. É também um isolador astral e indicador do limite do mundo exterior.

Nos *graffitti de Chinon* aparecem reiteradamente achas, tenazes, cravos e a escala da *Paixão*. Pelas distintas posições que ocupam, pode constatar-se que não são símbolos piedosos, senão também emblemas de irmandades e que intentam transmitir mensagens que vão mais além da interpretação convencional.

Ainda quanto a numerologia, além do 4, já considerado, os *templários utilizaram sucessivamente os 3, 6, 7, 8, 9, 12 e 13*. Como se sabe, as distintas escolas iniciáticas têm predileção por números distintos, o que abre caminho a um estudo diferencial tomando como base os números mais utilizados. A ausência do 5 entre os números preferidos pelos templários não deixa de surpreender, dada a sua

importância. O mesmo número e a sua representação geométrica, o pentagrama. Muitas das irmandades herméticas têm por emblema uma *estrela de cinco pontas*. Em câmbio, está bem comprovada a *importância do 3*. Os *templários possuíam 3 cavalos, suportavam 3 tipos de castigo, deviam combater somente contra 3 inimigos* e não podiam retirar-se ou se haver rendido em haverem resistido *3 cargas do inimigo*. Além do mais, *jejuavam 3 vezes* com rigor.

O *Selo de Salomão* indica o **6**. O **7** é um número importante da simbologia numerológica, representando, entre outras coisas, a potência essencial.

O **9**, número capital do hermetismo por representar o ideal de perfeição e realização, contendo em si mesmo os três mundos: inferior, intermediário e superior, está intimamente unido à Ordem desde a sua fundação. Foram **9** os seus fundadores, existiam **9** províncias na repartição das comarcas templárias; foram **9** os cavaleiros que, em 1310, enviaram à comissão pontificada uma admirável defesa escrita da *Ordem*; também foram **9** os cavaleiros que pediram para ser ouvidos pelo *Concilio de Viena*.

O número **12** era o das reuniões mais importantes, já que **12** eram os que tomavam parte nelas. E todavia, no capítulo em que era eleito o *Grão-Mestre* o número era o **13**, doze eleitores mais o escolhido. **A simbologia cristã aqui é óbvia.**

A existência de uma *influência pitagórica* que não parece poder provar-se com a *numerologia templária* é defendida por alguns autores, tomando em conta outros elementos. O *Grão-Mestre* levava um *bastão de comando*, o *ábaco*, que nos faz lembrar o *bastão pitagórico*. Como os discípulos do filósofo, os *templários* faziam o voto do silêncio, não matavam animais na caça. Essas coincidências, todavia, para

outros autores, não parecem suficientes para reclamar um antecedente *pitagórico na Ordem*, algo enfim que não chega a ter uma importância capital nos objetivos a que se propôs atingir.

O que parece certo, para finalizarmos, é que a *Ordem do Templo*, que teve um começo visível com a missão de proteger os peregrinos cristãos na *Terra Santa* e outro esotérico de encontro da *Arca da Aliança* para, com o conhecimento adquirido, servir a causa de **Deus** — o *Amor, a Paz e a Reconciliação* — tendo como um fim último a implantação na Terra da Jerusalém Celeste, nunca se afastou de tão altos objetivos.



Figura 12: Cabeça esculpida em pedra provavelmente de Jacques de Molay

BIBLIOGRAFIA

Charpentier, Louis — **Les mysteres Templiers** — Robert Laffont, Paris, 1967.

Pernoud, Regine — **Los Templários** — El Ateneo, Buenos Aires, 1983.

Maurin, Jacques — **La double mort des Templiers** — R. Laffont, Paris, 1982.

Probst-Birabén, J.H. — **Los mistérios de los Templários** — Dédalo, Buenos Aires, 1983.

Charpentier, Louis — **L'Ordre des Templiers**, Paris, 1944.

Pernoud, Regine — **Les Croisés**, Paris, 1959.

Ziegler, Gilette — **Les Templiers** — Culture, Art, Loisirs, Paris, 1973.

Howarth, Stephen — **Os Cavaleiros Templários**, Ed. Livros do Brasil — Lisboa, 1986.

